

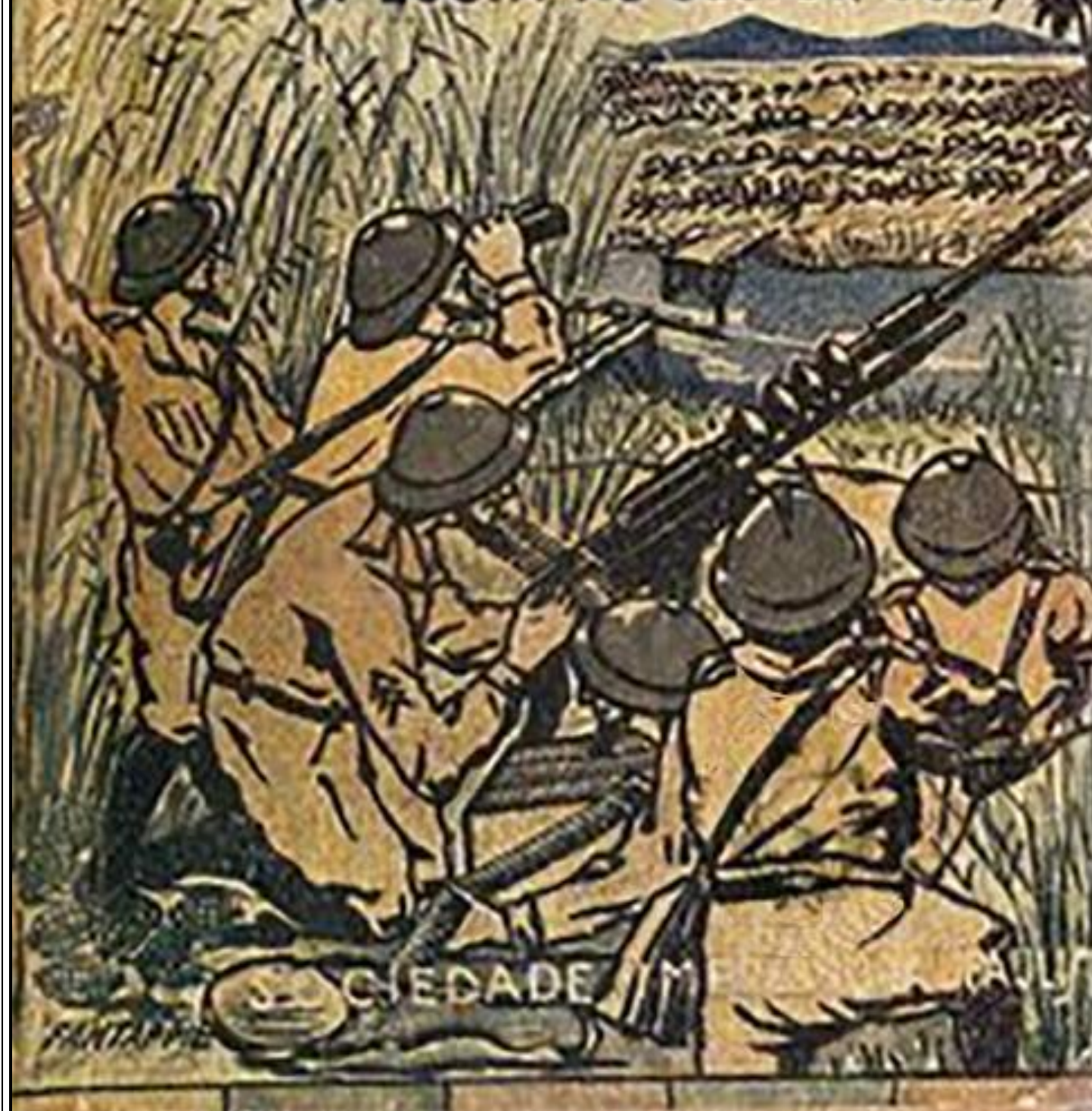
CAP. ALVES BASTOS

PALMO



a PALMO

(A LUCTA NO SECTOR SUL)



CIDADE IM

FANTASIA

CAPITÃO JUSTINO ALVES BASTOS

Chefe do E.M. do Exército Constitucionalista do Setor Sul
Quartel General em Itapetininga/SP

PALMO

A LUTA NO SETOR SUL

A PALMO



Exército Constitucionalista do Setor Sul

PRO BRASILIA FIANT EXIMIA

INDICE

PREFACIO

INTRODUÇÃO

CAPITULO I

FASE INICIAL DA CAMPANHA

- o teatro das operações
- retirada de Itararé e Itapeva
- manobra defensiva de Buri

CAPITULO II

FASE DE TRANSIÇÃO

- perda da Ribeira, Apiaí e Guapiara
- o Plano de Campanha
- o ataque de Buri a 13 de Agosto

CAPITULO III

DEFENSIVA Á FRENTE DO PARANAPANEMA-ALMAS

- combate de Victorino Carmilo
- o Calvario de Capão Bonito
- combate da região de Balsa
- combate de Fundão
- abandono de Guapiara e defensiva de Pinhal
- retirada para o rio das Almas

CAPITULO IV

MANOBRA DEFENSIVA DO PARANAPANEMA

- ocupação do Paranapanema-Almas
- golpe de mão sobre a Fazenda Santa Inês
- combate do Cerrado e retraimento para o Alto Paranapanema
- combates de Taquaral Abaixo
- agressividade do adversário na fase dos entendimentos para a pacificação
- interrupção da manobra do Paranapanema

CONCLUSÃO

PREFACIO

No presente trabalho, escrito no fluxo vertiginoso e esguio de uma quinzena, o Capitão Alves Bastos esboça uma perspectiva histórica das operações de guerra realizada no Setor Sul durante a mais nobre, mais empolgante e mais fecundada de todas as explosões de civismo que têm feito vibrar a alma brasileira, na sua ânsia rebelde e sublime de liberdade e justiça.

Para o grande público, este livro do Capitão Alves Bastos dará uma ideia tão nítida quanto verdadeira do que foi a epopeia que o voluntário paulista escreveu com o seu sangue através dos montes, ravinas, quebradas, matas e descampados do Setor Sul.

Para a História Militar brasileira, como subsidio que prestaremos ao Estado Maior do Exército, resta-nos ainda o dever de publicar uma obra de maior envergadura, em que ao par da narrativa cronológica e dramática dos acontecimentos sejam expostos o plano de conjunto e os detalhes técnicos das operações, em toda a sua complexidade, desde os formidáveis trabalhos de retaguarda operados nesta colmeia de gigantes, que é São Paulo, até os lances épicos da frente de combate onde quinze mil homens de tropas regulares e irregulares aguerridas nas coxilhas de pampas, prodigamente dotados de artilharias e armas automáticas, com quadros adestrados, bem comandadas, auxiliadas diariamente pela aviação e conduzidas por um comando superior competente, esforçaram-se em vão por esmagar o efetivo oscilante entre três e cinco mil homens de tropas recrutas, com quadros improvisados, com reduzido número de armas automáticas, quais sem artilharia, com escassez dolorosa de munição de infantaria, e auxilio intermitente de uma heroica mas pequena aviação que era forçada a atender a todos os Setores, abandonando sucessivamente cada um deles por longas e angustiosas semanas.

As tropas regulares de que dispunha o comando do Setor Sul, - dois pequenos e magníficos esquadrões de cavalaria, um do Exército e outro da Força Pública, uma bateria e uma seção de artilharia, e o 8.º Batalhão da milícia estadual, que só teve eficiência depois de reduzido a duzentos e tantos homens pelas deserções que se seguiam às suas famosas carreiras a passos milimétricos - eram tão poucas, tão exíguas, que desapareciam diluídas nas formações recrutas dos denodados voluntários paulistas.

Os batalhões voluntários eram em grande número, mas os seus efetivos, que não excediam em média geral a duzentos e poucos homens, eram tão pequenos que seria necessária a fusão de quatro ou cinco deles para formarem um batalhão com efetivo de guerra.

A minguada artilharia que os devia apoiar agia mais por ação catalítica, forçada á adoção da medicina germânica pela penúria de munição, cujo montante, se fosse gasto com a prodigalidade com que o fazia o adversário, daria apenas para o dia de fogo de uma peça. Só nos últimos dias da campanha começou o remuniciamento de artilharia a ser feito com a munição fabricada neste prodigioso São Paulo, mais intrépido e mais milagroso que o seu santo patrono.

E era contra esse pugilo de estoicos que se lançavam quinze mil homens ferozmente armados, espocando fuzis, tatalando metralhadoras, troando canhões, ribombando metralhas que vinham da terra e do ar, numa orquestração tempestuosa de silvos, de sons e de estrondos, em acompanhamento ao aguaceiro de balas e á saraivada de estilhaços com que a ditadura pretendia apagar do coração paulista a chama sagrada do ideal.

Mas a tarefa era difícil ou impossível, porque a flama do ideal não bruxoleia nem se extingue como se extingue a luz amarela do candeeiro das conveniências, ao sopro do primeiro revés.

Invertessem-se as condições de efetivos e de dotação bélicas, e os ditatoriais não esperariam pela segunda refrega, apesar de bravos e aguerridos, porque lhes faltaria a chama sagrada, faltar-lhes-ia a fé com que sobem ao calvário os mártires do ideal; a fé que diviniza a alma e gera o estoicismo de um Gustavo Borges, que, gloriosa e mortalmente ferido, pede, ao fugir-lhe o último alento, entre vivas a São Paulo e ao Brasil, que o enterrem mesmo nas trincheiras, “porque não quer nem depois de morto voltar para São Paulo antes da Vitória”.

Em carta que a 26 de Agosto dirigi a um eminente brasileiro, tratando dos alevantados ideais que moviam o povo paulista, assim me manifestei em alguns trechos esparsos:

E sabe o meu eminente amigo de que gente se compõem as forças que tenho a honra de comandar, enfrentando essa massa bruta tão temida...? – Compõem-se da fina flor da sociedade brasileira. Tenho em quase todos os batalhões, como soldados, centenas de médicos, engenheiros, advogados, industriais, fazendeiros, muitos homens notáveis pela cultura, pela fortuna, pela clínica, pelo valimento social enfim. E é contra essa nata da sociedade brasileira que se atira, numa fúria desesperada ...

“A grande, a imensa maioria da massa pensante brasileira tem o coração pulsante pela nossa causa, mas está impotente para se fazer ouvir, em face da pressão da força bruta manejada pela ditadura”. “Estou certo que o seu coração de patriota está enlutado com essa tragédia que se prolongará talvez por muito tempo, e que assumirá proporções desesperadamente tétricas para o Brasil se homens de valor e de amor á Pátria, como o eminente amigo a quem me dirijo, não tiverem um gesto em defesa da elite nacional...”

“As hostes que defendem a causa de um Brasil redimido da ditadura estão dispostas a todos os sacrifícios e, ou serão vitoriosas com o Brasil ou morrerão com este, porque o esmagamento da nossa Pátria. ”

.....

Estas palavras que dirigi a um eminente patricio, fornecem uma das chaves necessárias a decifração do enigma que foi para muita gente a resistência denodada e hercúlea com que as diminutas tropas do Setor Sul enfrentaram um inimigo poderoso, formidavelmente mais forte, opondo-lhe uma barreira tão cheia de espinhos que seus inevitáveis sucessos nunca passaram de vitórias de Pyrrho. E não fora a reprodução ampliada de celebre cena do Senado romano, essa barreira se iria inçando rapidamente de mais fortes espinhos á medida que o tempo fluísse, que fossem chegando á frente os novos recursos materiais em elaboração e que as dificuldades das vias de comunicação inimigas fossem gradativamente aumentando.

Para se ter ideia do aumento progressivo da resistência basta comparar-se o avanço triunfal com que os adversários reproduziram a passagem bíblica de Jerico, na extensa região entre Itararé e Rondinha, sem mais esforços que o de soprar nas trombetas, travando imaginarias e vitoriosas batalhas pelos fios telegráficos que ligavam a corte da ditadura, com a odisseia crescente a que foi submetido a partir de Buri.

Malgrado a sua convicção apregoada aos ventos de todos os quadrantes, pelos rádios do Rio e de Buenos Ayres, de que dentro de quatro dias entraria em Itapetininga, teve de lutar quase setenta dias para se apossar apenas da faixa de terreno entre a linha Buri-Guapiara e o “talweg” do Paranapanema, ainda a uma meia centena de quilômetros, em média de Itapetininga, e isso mesmo á custa de pesadíssimas baixas em mortos e feridos.

A partir da fase de Buri, o adversário só teve progressão relativamente fácil quando já havia dois dias que as nossas tropas tinham ordem de não mais combater e em grande parte se haviam retirado da linha de frente, em consequência dos acontecimentos que nos outros Setores puseram fim á campanha. Porém assim mesmo, em que pese a consciência dos responsáveis pelo ataque injustificável desses últimos dois dias, os derradeiros defensores do Paranapanema tiveram, em legitima defesa, de infligir pesadas perdas, lamentáveis por desnecessárias, ao atacante extemporâneo ou saudoso de vitórias fáceis.

Estavam viradas as páginas de ouro rutilante do livro em que o voluntario paulista gravara a golpes de bravura, com o fogo sacrossanto do ideal, o mais lindo poema épico da história da civilização brasileira.

Mas o enigma da resistência indômita, desconcertante de todos os planos de progressão vertiginosa do inimigo, tinha uma outra chave obra do mais puro labor patriótico, lapidada no diamante sem jaça da estrutura intelectual, técnica e moral dos modernos bandeirantes.

É que longe dos rincões onde se desferiam os recontros sangrentos, agitavam-se, no delírio dinâmico de uma produtividade estonteante, inumeráveis colmeias de Titãs, prestigiosas do saber e da potência hercúlea, e incontáveis bandos de anjos que arrancavam dos próprios músculos a indumentária do soldado, e do coração o conforto material que espalhavam a mancheias por todo o vasto teatro da refrega homérica.

Os engenheiros, os químicos, os industriais, com a magia de faquires das artes e das ciências, executavam assombrosos milagres. As fabricas se transformavam, se desdobravam, se multiplicavam, e das retortas, e dos cadinhos, das oficinas mecânicas e dos altos fornos jorravam em catadupa crescente explosivos, balas, estojos, bombas, granadas, morteiros, bombardas, lanchas, carros, trens blindados, e... até metralhadoras vinham surgindo no final da campanha! Em breves dias surgiriam canhões!

Ao lado, numa atividade áacre de anjos benfazejos, mourejavam as heroínas paulistas, lindas e meigas como a Virgem Santa, mas tocadas pelo fogo sagrado e exaltadas pelo ideal que transpõe o infinito!

Vênus velava pela salvação de Marte. E enquanto Joanna d'Arc trocava a lança pela agulha, e cosia roupas, e tecia agasalhos, as novas encarnações de Florence Nightingale e Anna Nery erravam pelos campos a pensar feridos!

Cada lar paulista era uma oficina de costuras ou de pensos, uma tecelagem de artigos de lã ou uma fábrica de cigarros, de bombons, de "lunchs" e de todos os produtos uteis ao consumo do soldado que recebia nas trincheiras o exuberante e até mesmo excessivo conforto que lhes levavam as abençoadas e dadivosas mãos da mulher paulista.

Além disso, o Serviço de Abastecimento era farto, pronto, impecável, graças a maravilhosa organização que homens de escol imprimiram ao S.A.TO. e ao M.M.D.C., cujo mecanismo ultrapassava tudo quanto se possa esperar do mais perfeito Serviço de Abastecimento de um exército regular em campanha.

Ó antepassados longínquos, rudes bandeirantes d'antanho desaparecidos na sombra misteriosa do tumulto, mas presentes nas cintilações irizadas do Cruzeiro do Sul, constelação que vos norteou as façanhudas caminhadas; ambiciosos vagabundos das selvas, palmilhadores cruentos da terra bravia de Santa Cruz, bisbilhoteiros das florestas, assaltantes de tribos e salteadores de garimpos; vós que desbravastes os rincões brasílios, que mergulhastes no cipoal das matas densas, abrindo veredas sem conta, rumo a todos os quadrantes, que sulcastes á monta e a juse todos os cursos d'agua, que ouvistes ainda virgens o arrulho cristalino dos regatos amorosos, a melopeia monótona das pequenas cascatas, o murmúrio farfalhante da caudal das serras, o gorjeio soluçante dos ribeirões sinuosos, o marulhoso estuar dos largos rios profundos e o leonino rugindo das grandes cataratas; vós que correstes lombadas e colinas, deslizantes em planuras, grimpastes alcantis, transpusestes vales e galgastes serranias altas que azulam ao longe, e que se apequenitam, se esbatem, se esconde e

se esmagam no horizonte ao peso das distancias; vós que avançastes até ao sopé da cordilheira andina, levando as fronteiras pátrias pela frente, e dilatando-as até que quais ao infinito, na anciã titânica de devorar o continente e garimpar o mundo; lá da mansão pudica ou celeste onde estiverdes, libertos dos pecados cometidos e esplendentes da auréola conquistada nas jornadas rudes, deveis estar enternecidos de santo e paternal orgulho, com lagrimas nos olhos, o que lá talvez sejam gotas de luz na sombra do mistério, ao contemplardes os soberbos feitos dos vossos descendentes – os gloriosos bandeirantes dos campos de batalha.

Hodiernos paulistas, também vós levastes as vossas bandeiras pelos campos e pelos matagais, porém agora, através do cipoal venenoso das trajetórias mortíferas e da floresta tempestuosa e assassina das metralhadoras.

Não vós preocupeis com as aparências do presente, depois do desenlace ingrato e inesperado. É sina dos Ciclopes a de sofrerem tentativas de esmagamento pela carga que suportam, e dos Titãs a de não alcançarem o céu na primeira escalada; mas alcançastes a Vitória moral no terremoto de civismo que sacudiu e alçou todas as camadas sociais e não tardará o dia em que possais entoar o hino da alvorada anunciando nova era de liberdade e justiça.

Bandeirantes da luz! Garimpeiros do ideal! Eu vos saúdo, ao vos colocar sob os olhos a narrativa feita pelo Capitão Alves Bastos da epopeia que escrevestes com o vosso sangue nos campos de batalha!

SALVE! São Paulo eterno, pelo Brasil grande, redimido e feliz!

São Paulo, 18 de outubro de 1932.

CORONEL BRAZILIO TABORDA

Comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul

INTRODUÇÃO

Quando se acentuavam os indícios da terminação d'essa luta ingente pela constitucionalização de nossa Pátria, metremos mãos a tarefa de reunir em narrativa singela os acontecimentos de que fora teatro esse Setor Sul, que será para todos que ali trabalharam de recordação imorredoura. Não houve tempo para uma anotação quotidiana, como seria de desejar. De resto, era a vida habitual de campanha em que o tropel dos acontecimentos, mesmo em sucessão vertiginosa, nos traz a paradoxal impressão de monotonia; – eles se parecem entre si, e mesmo a gente chega a achar que todas as guerras são monotonamente parecidas...

Os mesmos bombardeios de aviação, o mesmo troar de artilharia, o crepitar enervante da fuzilaria e todo o cortejo das consequências correspondentes: – as avançadas que emocionam um momento, esses recuos repentinos que fazem os estados-maiores gelarem de incerteza, os quadros locais: – mortes, ferimentos, sistemas nervosos que fraquejam resvalando para o estupor ou loucura; – tudo isso que já se viu por lá, mas que também se viu ou já se leu em narrativas de guerras anteriores... monótono e sem originalidade.

Sem dúvida esta campanha foi moderna e absolutamente integral.

Apesar de seu caráter especial – de guerra civil – foi ela rigorosamente regular.

As tropas obedeceram a severa orientação dos estados-maiores e estes operaram á luz da doutrina dos regulamentos militares atuais. Os Serviços de retaguarda, organizados com pessoal civil, tomaram rapidamente feição militar em virtude das diretivas recebidas e da facilidade de adaptação de seus componentes, onde se achavam os representantes dessa operosidade yankee que fez de São Paulo o luzeiro do Brasil.

Em tais condições, pouco bastou para que se pudesse apresentar aos consideráveis efetivos que nos investiam essa barreira humana que resistiu, manobrou e concretizou a bravura com que neste Setor o povo paulista lutava por obter a Vitória.

Faltam-nos ainda a documentação e o afastamento necessários a um estado comentado das operações e dos acontecimentos militares ocorridos. Eles tiveram, porém, nos dias da campanha, tão vívido caráter de epopeia que seduz ao profissional o trabalho de narrá-los.

Sob o ponto de vista puramente técnico eles se encadearam numa tal logica, de tal maneira se enquadraram nas linhas previstas para as operações de guerra no Brasil meridional, que a sua concatenação poderá constituir objeto de interessantes cogitações futuras.

É, entretanto, uma reconstituição que apenas encara os acontecimentos vistos do lado constitucionalista. As operações aqui são apresentadas sem a preocupação de compara-las ou ajusta-las ao modo de proceder do adversário cuja documentação muito de proposito ainda não procuramos conhecer.

Pelos quatro capítulos do presente livro os acontecimentos estão distribuídos de acordo com a natural decomposição do “Plano de Campanha” norteador de todas as operações realizadas.

A generosidade dos leitores paulistas e cariocas absorvem em menos de dez dias os exemplares que constituíram a primeira edição deste trabalho. A presente, sem ter ainda recebido o desenvolvimento prometido, vai, contudo, mais cuidadosamente revista, mas sempre com o caráter de despretensiosa narrativa. É possível que mais tarde novas edições apresentem desenvolvimento um pouco maior. No presente momento, porém, é uma narrativa despretensiosa e rápida que entregamos a curiosidade do leitor.

CAPITULO I

FASE INICIAL DA CAMPANHA



O Teatro das Operações.
Retirada de Itararé e de Itapeva.
Manobra defensiva de Buri.

O TEATRO DE OPERAÇÕES DO SETOR SUL

Partindo do Paraná dois eixos naturais existem, para a invasão das terras paulistas: a estrada de ferro vinda de Ponta Grossa e a estrada de rodagem vinda de Serro Azul, que penetram no estado pelas históricas portas do Itararé e da Ribeira.

Da cidade de Itapetininga, onde essas duas vias de penetração convergem, vão ter elas a Sorocaba um dos centros vitais de São Paulo, como importante nó de comunicações que é e pelo desenvolvimento industrial da cidade onde a própria Sorocabana tem as suas grandes oficinas.

Mais ao norte, segundo Chavantes-Avaré-Botucatu, outro eixo de penetração se apresenta cuja posse pelo adversário implica imediatamente na amputação de toda a Alta Sorocabana e numa séria ameaça para a própria Noroeste.

Sua situação excêntrica, porém, em relação ao centro de gravidade militar do Paraná (Curitiba-Ponta Grossa) dá-lhe uma importância secundária comparativamente com os eixos de Itararé e da Ribeira.

No problema da defesa de São Paulo face ao Paraná surge assim, como fundamental, a barragem desses eixos principais e como complementar a cobertura da direção excêntrica de Chavantes-Avaré.

Por outro lado, uma vez que os dois eixos principais convergem a um determinado ponto e têm em várias outras numerosas comunicações intermediárias, quaisquer ações realizadas sobre um deles será de interesse imediato para outro onde far-se-á sentir reação inevitável. Não assim no terceiro eixo considerado que se acha mais afastado, que não vem ter ao ponto de convergência dos outros dois cuja direção indicaria ao adversário objetivos diversos daqueles sobre os quais ele iria ter progredindo pelos eixos meridionais.

Ora, isso indicava claramente que as forças encarregadas de barrar os caminhamentos do Itararé e da Ribeira deveriam obedecer a uma mesma orientação, isto é, estarem subordinadas a um comando único; que lhes cumpria constituir um conjunto assaz forte, porque sobre tais eixos, ou no terreno entre eles compreendido, exerceria fatalmente o adversário o seu esforço principal; que essa barragem deveria deter o passo invasor o mais cedo possível mas que, existindo ainda aquém da fronteira larga faixa de terreno antes de serem atingidos os pontos vitais do estado, poderiam tais forças considerar esses duzentos quilômetros como a profundidade do campo de batalha em que manobriariam livremente no cumprimento de sua missão defensiva.

O eixo do Norte, interessando indiretamente a direção principal, deveria ser guardado apenas por forças de cobertura, subordinadas a um comando diferente. A natureza do terreno por onde esse eixo se desenvolve facilita

sua defesa e não seria necessário, dentro da ideia defensiva, distrair para lá grandes efetivos.

Considerando, todavia, que o adversário, detido na sua progressão frontal, procuraria desbordar as resistências encontradas manobrando pelos flancos, seria sempre necessário que fossem conservadas possibilidades de reforço mento oportuno dos elementos que aí operassem.

Foi decorrente dessas considerações que surgiu a organização de comando das Forças Constitucionalistas nas lindes sudoestes de São Paulo:

Encarregadas de barrar a progressão do adversário que progredisse por Ribeira e Itararé – as forças do Setor Sul;

Encarregadas de cobrir o flanco norte dessas forças e de guardar o eixo de Chavantes-Avaré-Botucatu – um destacamento que, com outro comandante, dependeria diretamente do alto comando.

Paralela e naturalmente essas considerações vinham delimitar também o campo em que operariam as forças do Setor Sul, isto é, o seu Teatro de Operações.

Para o sul da estrada de rodagem Ribeira-Capão Bonito não tardam a se erguer os alcantis da serra do Paranapiacaba cobertos de vegetação densa, rasgados em grotões profundos e praticamente impenetráveis – aí estava o limite natural das operações nessa direção; – para o norte, as operações do Setor Sul incluem naturalmente todo o terreno até o eixo da estrada de ferro, havendo depois uma zona intermediária de ligação com o destacamento de cobertura do eixo de Avaré.

E, uma vez que o alto comando constitucionalista havia decidido fazer nessa região uma campanha meramente defensiva; uma vez que a extrema deficiência de meios imporia a essa defensiva determinado caráter particular, surgia para o teatro de operações a ser utilizado pelas forças do Setor Sul uma vasta região assim delimitada:

A oeste a linha Itararé – Ribeira;

A leste a linha do rio Sarapuí – Tatui;

A norte a via férrea inclusive;

E ao sul a férrea do Paranapiacaba.

Circunstâncias desfavoráveis, porém se encarregaram, no começo da campanha, de amputar desde logo largo tacto desse teatro imponente, e, só praticamente a partir da linha Buri-Guapiara é que começa essa espetacular manobra das forças do Setor Sul, por meio da qual, numa luta de cerca de setenta dias, o terreno paulista seria ingentemente disputado PALMO A PALMO.

RETIRADA DE ITARARÉ E DE ITAPEVA

Lamentáveis circunstâncias de ordem política haviam feito com que o alto comando constitucionalista deixasse, nos primeiros dias de campanha, mal guardada a fronteira meridional de São Paulo, onde a linha Ribeira-Itararé constitui a barreira de defesa natural.

Em consequência, já então as forças invasoras, constituídas no momento por elementos gaúchos e paranaenses sob o comando do general de brigada Waldomiro de Castilho Lima, encontravam fácil sucesso que lhes proporcionava um auspicioso início de campanha.

Ao contrário, as unidades paulistas para aí mandadas (um batalhão e dois esquadrões da Força Pública e um batalhão de voluntários), batidas pelo inimigo como por elementos de covardia e de traição existentes no seu próprio seio, eram postos simplesmente em fuga, ao longo da linha Sorocabana.

Itararé, a invicta, caía num passe de magia e, o adversário mesmo, esbarrava perplexo ante a facilidade de triunfo.

Vibram por todos os rincões patrícios os fios telegráficos nas alvissaras desse sucesso militar que surpreende a toda a gente, incapaz de compreender as condições em que se processara...

– Estava aberta a principal porta, – a mais defensável de São Paulo!

Ribeira, particularmente favorecida pela disposição do terreno, não cede, – resiste, isolada como uma atalaia.

Sua situação tem dado um momento um aspecto de bravura obstinada que faz lembrar velhos castelos medievais por cujas ameias tiros espaçados traduziam o pensamento de guerreiros que não sabiam capitular!

Devia ter um fim diverso do que teve. A profunda beleza com que se manteve inabordável por quais um mês era digna de um desfecho mais bonito. – Falhou afinal... foi pena.

De Itararé a Itapeva foi um pulo para o adversário. Os retirantes, isto é, os fugitivos, não tinham tido tempo nem a ideia elementar de destruir a linha férrea e, cúmulo do absurdo, a progressão do inimigo se fazia nos próprios comboios ferroviários!

E era um conquistar de glórias fáceis que inebriava oficiais e dava a tropa um entusiasmo que lhe ia multiplicar a capacidade combativa.

Sob a impressão e notícias desse triunfar facílmo era natural que engrossasse a caudal que vinha esmagar São Paulo. Formou-se em todos os estados do Sul uma atmosfera favorável ao governo central e nela se perderam muitas dedicações a causa paulista; favoreceu ela a decisão dos milhares de indecisos que se inclinam sempre para o lado sobre o qual pendem as possibilidades de Vitória e facilidades da luta.

Itapeva, importante cidade dos rincões meridionais paulistas, também caiu a simples aproximação do inimigo e, em noite escura na qual a

desolação se acentuava com insistente chuva; em que o frio cortante dava cores mais negras à situação, vinham chegar a Buri, açodados para continuar a retirada, os elementos que tangidos de Itararé e de Itapeva, sem mesmo haverem visto a face do inimigo, pretendiam se transformar todos em arautos agoureiros de uma derrota na qual a própria honra naufragava!...

Eram soldados da milícia estadual que assim procediam, misturando nesse fugir desabalado os voluntários cheios de idealismo e de fé, de bravura e de disposição ao sacrifício, que, falhos, porém de experiência e de instrução militar, constituíam o Batalhão 14 de Julho.

Uma valente fazia exceção ao quadro desabonador. A rapidez do trem de ferro preferiu a lentidão do seu cavalo. Impossibilitado de combater sozinho, esse retirou. Veio pela estrada conduzindo seus soldados e soldados abandonados de outras unidades abandonadas pelos seus comandantes. Chegou a Buri quando a andadura de seus animais permitiu que o fizesse; e, enquanto os fugitivos lá se iam desmoralizados por um mau começar de campanha, esse bravo oficial era promovido, para continuar na luta onde cada dia se iriam acentuar as suas características de perfeito valente. – Era o então capitão Sebastião do Amaral. No termino da luta, já tenente-coronel, comandava um agrupamento de cavalaria.

A maioria das tropas, continuando a fugir, viera ter a Itapetininga, deixando á sua retaguarda todo o caminho aberto e perfeitos trilhos da própria via férrea!

Foi em tal situação crítica, que, chamado às pressas de Santos, onde organizava o plano de defesa daquela praça de guerra, chegou o coronel Brasílio Taborda, novo comandante do Setor Sul. Recebia o comando das mãos do coronel Christiano Klingelhofer, experimentado militar que comandara batalhão na Grande Guerra Mundial e cuja situação político-social e aparência aristocrática, não lhe haviam na paz assegurado grandes simpatias na Força Pública Estadual Paulista. Seus conhecimentos adquiridos na escola da guerra francesa e atingindo ao âmbito do regimento, eram de molde a indica-lo para um magnifico comandante de destacamento.

Sua bravura pessoal, seu estoicismo na desfortuna momentânea, fizeram-no credor do respeito geral e impuseram como um dos elementos a utilizar na organização definitiva do Setor Sul.

MANOBRA DEFENSIVA DE BURI

De pronto verificou o coronel Taborda que cumpria tirar a tropa de Itapetininga onde se fora ela refugiar nessa fuga desabalada de Itapeva e faze-la enfrentar firmemente o adversário.

Havia tempo de disputar-lhe ainda a posse de Buri.

Essa pequena cidade paulista oferecia no caso, particular interesse militar. Importante nó de comunicações, sua posse garantiria uma cabeça de ponte para além do Apiaí. Sobre a via férrea, essa localidade marca o início

da grande campina ondulada que existe entre o citado Apiaí e o Paranapanema. Para lá, dificuldades de terreno, zonas de mata – segundo a frase de um adversário morto em combate, “terra de bibocas e dos carrapatos”; para cá, natureza verdadeiramente acolhedora, – lindos descampados onde a própria guerra parece menos rude... De par com tudo isso, Buri se apresenta num desfiladeiro de fácil defesa. É sede de grandes depósitos de cisto betuminoso onde, em caso de necessidade, ir-se-iam buscar certos recursos na destilação desse material.

De acordo com o que lhes parecia urgente, o coronel Taborda organizou com perfeição e acerto quais matemático o que teria sido a MANOBRA DE BURI.

Portador de todos os títulos oficiais de saber profissional, este chefe, oficial de estado maior laureado ao tempo do General Gamelin entre nós, é um profundo conhecedor da tática e das suas modalidades de aplicação aos casos concretos da guerra indígena.

Tirando desde logo a tropa de Itapetininga, organizou em Buri uma posição defensiva que receberia o choque do adversário, enquanto um forte agrupamento de cerca de mil e quinhentos homens de infantaria apoiados por artilharia e sob o comando do tenente-coronel Moraes Pinto, faria um largo movimento contornante por Capão Bonito-Guapiara-Ribeirão Grande, sobre Itapeva e Rondinha, visando as retaguardas adversárias.

Realizada em boas condições essa ida do comandante do Setor era infalível ao sucesso.

A avançada dos elementos do general Waldomiro, mercê dos sucessos fáceis anteriormente conquistados, se vinha fazendo um tanto a aventura e suas retaguardas, naturalmente expostas e sem organização, não resistiriam a um ataque inesperado, com todo o seu cortejo de consequências.

Essa realização dependia, porém, de dois elementos indispensáveis que falharam lamentavelmente: – uma sóida resistência na posição de Buri e a boa execução do movimento contornam-te.

Este, entregue a direção de um tenente-coronel de polícia, nem sequer foi esboçado; no dia seguinte, de ponto inteiramente diverso do de seu destino, sobre direção diversa da que lhe fora prescrita, o seu comandante “pedia ordens”!...

Aquela, pulverizou-se numa tarde, minada pelos desfalecimentos e pela traição de muitos. Houve, entretanto, elementos de notável firmeza, aos quase se deveram as pesadas baixas sofridas pelo adversário.

O Trem Blindado abriu nesse dia a série de suas inesquecíveis façanhas; o Batalhão 14 de Julho teve pelotões que só recuaram quando submergidos pelas sucessivas ondas assaltantes; o esquadrão do 11.º Regimento de Cavalaria Independente, do tenente Jardim, não teve uma vacilação, e deixou Buri quando o ultimo de seus defensores já o havia feito; o próprio comandante do Setor, que pessoalmente dirigia a ação, só a deu por terminada quando a progressão do inimigo atingia quais o seu Posto de Comando batido por tiros de metralhadoras a trinta metros de distância. A

artilharia constitucionalista, composta de uma bateria do Regimento Misto de Mato Grosso, poderia muito bem receber, convenientemente atualizado, o período que sobre as peças de Salomão da Rocha, em Canudos, está escrito nas páginas de “Os Sertões”! Alcançada em sua posição pela infantaria atacante defendeu-se energicamente com a arma branca de seus canhões: – o shrapnel a zero! Seus flancos, cobertos pela cavalaria Jardim, seus serventes firmes nas peças, foi um novo reduto que surgiu onde o adversário surpreendido esbarrou por momentos. – Talvez haja sido a salvação: – passaram as composições de tropas em retiradas, na confusão de uma noite de derrota! Passa o trem sanitário, esquecendo porventura na sua pressa, os últimos feridos do combate. Passa o trem do comando que também leva feridos e deixa na estação o próprio comandante que vem depois, no desconforto de uma simples locomotiva!... E na cauda da coluna ferroviária, com uma serenidade de ancião destemido, o trem blindado – lento e inexpressivo na sua cor escura, por cujas paredes as metralhadoras vibram no tirotear, acionadas pelo heroísmo sem limites desse incomparável Afonso Negrão, para cuja bravura singela a campanha seria uma sucessão de atos de desprendimento e de valor.

... E lá em tudo. A maioria de trem; muitos pelas estradas, esboçando formações regulares e muitos também debandados, em uma fuga que eles próprios não sabiam onde os levaria. Á revelia deles próprios a maioria foi ter mais uma vez a Itapetininga, levada pela fatalidade dos caminhos convergentes.

Um punhado de bravos não adotara, porém, o alvitre da retirada em massa, feita ao sabor da própria timidez. As ordens do comando enérgico prescreviam o simples retraimento para a região de Victorino Carmilo, na esperança ainda de que se pronunciasse o ataque determinado ao tenente-coronel Moraes Pinto e com qual se abriria, para elementos rechaçados de Buri, a oportunidade de retorno imediato. Esse grupo então, menos de duzentos homens, transformado em retaguarda voluntária, fica combatendo nas trincheiras de Buri mesmo depois de estar na cidade invadida por centenas de atacantes gaúchos (um batalhão e um regime de cavalaria da Brigada estadual). Só cessa o fogo para salvar-se a uma hora da madrugada seguinte, a ordem de quem os comandava, esse tipo de bravura admirável, modesta e sem limites do tenente-coronel Marcílio Franco.

Mas, a atuação de flanco, ilusoriamente esperada, não se faz sentir; e, essa operação de Buri que poderia ter sido para as nossas armas um brilhantíssimo sucesso, desfazia-se melancolicamente na perda lamentável de uma posição vantajosíssima...

CAPITULO II

FASE DE TRANSIÇÃO



Perda de Ribeira. Apiaí e Guapiara. O Plano de Campanha.
Ataque a Buri em 13 de Agosto.

PERDA DE RIBEIRA, APIÁI E GUAPIARA

Era necessário encerrar essa fase lamentável das operações em que cada dia assinalava um novo lance inimigo no território paulista.

A chegada ao Setor de oficiais de Estado Maior e o recebimento de reforços que concretizavam grandes disposições do povo e do governo paulista, davam esperanças no advento de uma nova fase em que se restabelecesse o equilíbrio dos factos e em que se imprimisse á campanha o cunho de regularidades indispensável para se enfrentar a tropa invasora, constituída unicamente de unidades regulares.

Mau grado todos os esforços, porém, essa nova fase desejável não pode prescindir de uma outra intermediaria, em que se reajustasse a tropa no seu moral e no seu aparelhamento material e balizada ainda, infelizmente, por algumas derrotas sucessivas.

O avanço um tanto à gandaia feito pelo adversário no eixo da Sorocabana, conquanto criticável sob o aspecto de técnica militar, teve sem dúvida o mérito de constituir uma operação “hard” e mais que tudo, encontrou a suprema sanção dos acontecimentos.

Com essa operação de Buri, a 26 de Julho de 1932, estava porém encerrada para a coluna general Waldomiro a época dos fáclimos sucessos...

Os que ainda conquistariam demandariam tempo, preparação e sangue derramado; com expeçam única da tomada de Ribeira, onde o fraquejar inesperado de um valente abriu as portas da cidadela até então irredutível á passagem de trinta cavalarianos aparecidos à sua retaguarda!...

A partir dessa data, as “partes de fim de jornada” existentes no arquivo do Setor Sul, são a narrativa cotidiana dos acontecimentos ocorridos. É certo que na rigidez dos seus parágrafos não se traduzem as emoções a que se submetia o comando do Setor e seu Estado Maior e às quase as circunstancias especiais da campanha davam intensidade peculiar. Lá não se vêem os esforços ilimitados dos oficiais do Estado Maior que, travestidos em tenentes de pelotões, guiavam às posições as pequenas unidades; organizavam os planos de fogo; detinham nas estradas os magotes de “pirantes”, numa fé obstinada de transformar em tropa combatente essas unidades constituídas de recrutas vindo da capital ou de velhos policiais “blasés”. Mas, em compensação, nelas se vêem os avanços e recuos sucessivos; e pode-se concluir, de tudo quanto lá se encontra, o preço de construção da muralha militar deste Setor, onde o inimigo não passaria, – feita com os mesmos seixos rolados nas enxurradas de Itararé e Itapeva!...

A referida fase de transição pôde ser resumida no seguinte: ao norte, elementos partidos do Paranapanema progridem, recalando o adversário que se encurrala na localidade de Buri. O destacamento que isto realiza é comandado pelo coronel Klingelhoef, assistido diretamente pelo capitão

Djalma Dias Ribeiro. Conquista e se instala nas alturas que olham Buri e que fecham a 6 quilômetros S.O. a estrada que daí parte para Capão Bonito. O inimigo se conforma em conservar apenas pequena cabeça de ponte a este do rio Apiaí.

Ao sul, sobre a estrada de rodagem que vai para Ribeira, temos fortes elementos em Apiaí, Guapiara, Capão Bonito – localidades de onde partem estradas que conduzem diretamente a Itapeva, Rondinha e a Buri.

Nosso dispositivo ameaçando o flanco adversário, era de molde a inflingir-lhe revés definitivo se houvesse meios apropriados à ofensiva.

Estes tardaram ou falharam.

E lá vem uma série: depois de Ribeira com mais de metade da guarnição aprisionadas, Apiaí com a retirada para Xiririca através das asperezas da serra de Paranapiacaba e todo o cortejo de armas e caminhões abandonados, prisioneiros às centenas, quedas em precipícios, homens que se afogam na travessia de rios, a fome, os sofrimentos indizíveis que tornaram essa contingência uma inenarrável odisseia... E segue-se o abandono de Guapiara pelo tenente-coronel Moraes Pinto, sem causa seria que o impusesse, e que nos levou à invicta posição de Pinhal, a quinze quilômetros a S.O. de Capão Bonito.

Em toda essa fase, guardava a cavalaria Amaral o flanco da tropa que barrava a estrada de rodagem; inicialmente á direita e depois á esquerda. O esquadrão Garcia Feijó e o esquadrão Jardim respectivamente nos flancos esquerdo e direito do destacamento Klingelhofer. O Regimento de Cavalaria Rio Pardo, constituído de rapazes cheios de irrefreável audácia, recebeu ordem de passar para as retaguardas inimigas onde deveria realizar guerrilha intensa e sistemática.

Esse dispositivo das forças do Setor Sul com que, dada a coesão adquirida e a relativa capacidade combativa, podia ser considerada encerrada a fase de transição que precedeu essa outra em que se iria disputar o terreno passo a passo.

Passados esses revezes para a topa e todas essas cruéis vicissitudes para o comando, tinha este, entretanto, conseguido que através delas e em consequência dos próprios sofrimentos, ganhasse a tropa a coesão necessária e a experiência indispensável á continuação da luta.

Paralelamente, havia sido reorganizado todo o comando subordinado. O tenente-coronel Moraes Pinto cedera lugar ao tenente-coronel Álvaro Martins, homem de pronunciadas qualidades militares. Sebastião do Amaral, já promovido major, comandava um destacamento; e muitos comandantes de unidade haviam sido substituídos por outros merecedores de confiança.

Todo o bando imenso dos fugitivos de Itararé e de Itapeva constituía agora uma força ponderável que, dentro das restrições impostas pela deficiência de meios materiais, iria se opor à progressão do adversário por meio de manobras adequadas à situação.

O PLANO DE CAMPANHA

Desde o início era necessário que se estabelecesse um plano de Campanha, o qual, tendo em conta os meios disponíveis e a situação tática do momento, melhor correspondesse aos interesses da guerra em seu conjunto.

Impunha-se desde logo responder às seguintes perguntas:

– as tropas do Setor deviam tomar a ofensiva ou fazer uma campanha defensiva? – Escolhida essa segunda forma de que aspecto deveria se revestir ela?

O simples exame de nossos meios postos em presença dos do adversário ditava a resposta.

Realmente, tínhamos em frente de nós:

- 1.º tropas do Exército, com seus quadros completos, instruídos e aguerridos;
- 2.º tropas estaduais gaúchas, também tradicionalmente aguerridas;
- 3.º força policiais de outros estados.

Todos esses elementos, abundantemente armados e municiados, apoiados por numerosa artilharia (chegaram a ser dez baterias) e dispoñdo também de numerosa e boa cavalaria.

De nossa parte que tínhamos a lhes opor?

– Um certo numero de batalhões patrióticos a que sobravam ardor, roupas e alimentação, mas aos quase lamentavelmente faltavam os menores rudimentos de preparação militar, à mingua de armamentos e com a munição contada cada dia!

Essas unidades, sem enquadramento conveniente, tinham um valor eminentemente relativo.

Com artilharia, havia aqui por essa ocasião o ridículo de seis peças cujos tiros contados pingavam sobre o inimigo aos dois e quatro por dia, para evitar o seu completo esgotamento.

– A cavalaria era composta de um esquadrão do 2.º Regimento de Cavalaria Divisionário e um esquadrão do 11.º Regimento de Cavalaria Independente, de um esquadrão da Força Publica e do Regimento Rio Pardo. Eram unidades magnificas e eficiência e bravura, todas elas capazes de enfrentar incondicionalmente os riscos de qualquer missão que se lhes atribuísse. O “panache” tradicional dos cavalarianos se ostentaria em toda a plenitude ao sol brilhante das vastas extensões do São Paulo meridional!... Nossa inferioridade era manifesta e, em consequência, que nos trouxesse o aproveitamento do terreno o auxilio necessário ao restabelecimento do equilíbrio.

Defensiva pois seria a nossa forma de combate, de início pelo menos.

Dada ainda a extensão territorial de que dispúnhamos à retaguarda, antes que atingidos fossem os pontos vitais do Estado, a ação retardadora, por meio de resistências sucessivas seria a manobra natural ao caso.

Essa ação retardadora na qual o adversário deveria ser detido o maior tempo possível em cada linha do terreno favorável à defesa, viria impor-lhe uma usura difícil de resistir por largo tempo e durante o qual ir-se-iam acentuando contra ele as condições desfavoráveis da campanha. Ao contrario, para as tropas constitucionalistas o fator tempo seria sempre de vantagem. Na maioria improvisadas ou compostas de batalhões policiais, não poderia se defrontar em campo raso com as unidades regulares do adversário antes de certo período de adaptação. A mobilização industrial estava a exigir algum tempo para que se tornasse possível a fabricação de munições e material bélico em quantidade correspondente às necessidades do Setor. Operando na vizinhança mesma de seus centros de abastecimento a fartura de elementos posto ao alcance dos combatentes faria contraste cada vez maior com as precárias disponibilidades a que fatalmente seria levado o adversário, lançado em luta inglória tão distante de suas terras.

E, desde que a deficiência de meios e a orientação do alto comando impunham ao Setor Sul a pratica de uma campanha defensiva com um caráter de manobra retardadora, o nosso plano de manobra surgia assim, logicamente e foi desde logo assentado em suas minucias. As diversas linhas onde se fariam as resistências sucessivas escolhidas e, fixado o dispositivo apróximado da tropa em cada qual conforme a ideia de manobra imaginada para a luta em cada uma, tendo o comando a preocupação constante de que o desejo de conservar o mais possível cada posição não nos levasse jamais ao engajamento de uma ação em que o adversário, rico em meios, nos pudesse aniquilar.

Cumpria sair em qualquer caso de cada posição com a tropa em condições de oferecer nova resistência logo atrás.

A execução desse plano de campanha elaborado como obra de previsão necessária ao norteamto das nossas operações, comportava entretanto uma operação ofensiva preparatória, susceptível de nos trazer pronunciadas vantagens, a reocupação de Buri.

O estudo da carta da região onde operávamos indicava ao mais ligeiro exame que o curso do Apiaí-Mirim e do Paranapanema-Almas, constituíam em grosso duas grandes linhas naturalmente indicadas a uma operação defensiva. Para podermos utilizar a primeira delas cumpria constituir uma cabeça de ponte para lá de Buri ou pelo menos, reduzir aquela que o adversário já tinha para o nosso lado.

Era pois necessário montar um ataque a essa localidade de Buri.

ATAQUE DE BURI

Foi essa operação de 13 de agosto cuidadosamente estudada e preparada. Na véspera do início de sua execução, do Posto de Comando do esquadrão Feijó, olhando a quinhentos metros as posições adversárias, foi ela regulada em seus mínimos detalhes.

Reunião inapagável no espírito de um oficial de Estado Maior. Presentes os que seriam executantes no dia seguinte, foi pelo chefe do Estado Maior exposta a maneira pela qual a operação se deveria realizar. Os executantes escutam, ponderam, põem-se de acordo. A ordem é imediatamente redigida e assignada P. O. (por ordem). A reunião se dissolve após os executantes protestarem fé no golpe que se ia tentar e aos votos de felicidade para as difíceis jornadas que se iam seguir.

Em resumo tratava-se do seguinte: ataque pelo flanco sul de Buri, combinado com pressão partida de Victorino Carmilo e com pequena diversão efetuada sobre o flanco norte.

Os elementos executantes seriam: pelo sul – o Esquadrão Garcia Feijó e o Batalhão major Arlindo; pela frente (este), o grosso do destacamento de Klingelhoef e pelo norte o Esquadrão de Jardim.

As esperanças de sucesso repousavam, de um lado na surpresa em que seria colhido o inimigo ao se ver investido por três direções diferentes, entre as quase, a do sul, só exequível á custa de desmedida audácia; de outro lado, pela qualidade dos elementos que seriam lançados a essa operação.

Ao cair da tarde iniciaram-se os deslocamentos preparatórios do movimento a se fazer pela esquerda. O Batalhão Arlindo, que estava em primeiro escalão, deveria ser substituído e deslocar-se para o flanco esquerdo do dispositivo, de onde então iniciaria, junto com o Esquadrão Feijó esse movimento magnifico em que teriam de transpor o Apiaí-Mirim e o Apiaí-Guassú.

A artilharia também deveria mudar de posição.

Esses movimentos não passaram despercebidos ao inimigo que começa a visar com as suas pequenas peças as pequenas colunas de infantaria que deixavam a linha,

Assistimos pessoalmente a esse incidente.

A situação do momento, a hora e o aspecto local, davam á cena a beleza patética de um quadro! Os grupos de tiro caíam hora aqui ora ali, mais ou menos a quinhentos metros a N. E. de Victorino Carmilo. Quando eles partiam, os infantes, humílimas formigas negras, deitavam-se; depois que na queda os projetis faziam ouvir o ruído de protesto da terra ferida, eles se levantavam todos e seguiam tranquilamente o seu caminho, sem pressa, sem emoção visível, sem vozes de comando, como se fossem já velhos soldados fatalistas!

A artilharia também, (Seção Mascarenhas) recebeu pela voz dos canhões adversários o protesto dos nossos regulamentos desprezados que recomendam sempre a convivência dos percursos desenfiados.

Enquanto isso, também se apresentava para o movimento o Esquadrão Feijó, acionado pelas ordens pitorescas de seu bravo comandante, o capitão Garcia Feijó.

Guerrilheiros antigos, este oficial reedita no presente tipos de pelejadores de outros tempos. Infatigável e destemoroso, conduz seus comandados pelo exemplo. Tem uma concepção pessoal acerca da técnica guerreira e preconceitos interessantes de cultura militar. É um “Rochas” da Debacle de Zola ressurgido no Paranapitanga de botas e de esporas. Leva sobre si um arsenal: o binocular, a bússola, várias facas, um revólver, o apito inseparável, o poncho, às vezes um telefone com que pretende surpreender as comunicações inimigas e muitas vezes a corneta com que multiplica o efetivo de seu esquadrão por meio de toques dirigidos a unidades imaginárias... Parte do armazenamento que tens seu esquadrão e a munição que consome são, em regra, tomados do inimigo. Um tanto indisciplinado com quem não sabe dirigir é útil e prestimoso, eficiente e leal sob direção habilidosa.

Lá para a meia noite (de 10 para 11) se punha em marcha a pequena coluna. Picada a dentro em pouco se perdia nas matas do Apiaí-Mirim. A esse rio e ao Apiaí-Guassú cumpria atravessar para chegar ao objetivo distante. Para isso os sapadores do infatigável e bravíssimo Capitão Antônio José de Freitas lhe vieram em auxílio, construindo as necessárias pontes.

Extraordinárias dificuldades teve de dominar a pequena coluna atacante, chegando por fim, após trinta e seis horas de marcha, às alturas sul de Buri onde deveria tratar de instalar seus órgãos de fogo.

Dizia a ordem que o Batalhão Arlindo deveria se instalar nas alturas três quilômetros a este do lugar chamado Maria Mocinha, enquanto o esquadrão se dirigindo sobre essa região trataria de cortar os fios telefônicos e de levantar trilhos de forma a isolar Buri de Rondinha. A esse tempo, os órgãos de fogo do batalhão começariam a atirar de revés sobre os defensores de Buri, dando sinal para o início do ataque do coronel Klingelhofer.

Tudo se passava conforme as previsões quando uma precipitação veio prejudicar o êxito integral da operação. Sem ter o adversário um conveniente serviço de segurança todos esses movimentos iam lhe passando despercebidos.

Quando o esquadrão Feijó atinge a estrada de rodagem Itapeva-Buri depara com um caminhão que conduzia munição – Foi o mal.

A tática guerrilheira de Feijó claudica neste instante, ele atira sobre o caminhão e, o que não fizera o serviço de segurança do inimigo ele o fazia inadvertência de um momento!

– Dera o alarme!

Um esquadrão inimigo que vinha de ser substituído e que se dirigia tranquilamente para a retaguarda vê que se defronta com elementos

constitucionalistas. Na impossibilidade de reagir incontinente, agita uma bandeira branca pedindo para parlamentar. Feijó transige, envia parlamentadores que, de volta, lhe trazem chamado para bandear-se.

A lealdade do guerrilheiro que pela segunda vez claudicara protesta contra o convite infamante pela boca de suas duas metralhadoras e de seus seis fuzis metralhadoras... Mas, com o revide violento não recupera ele o tempo que perdera... chegavam reforços; o esquadrão surpreendido tornará a si e se dispusera em formação de combate. Elementos adversários acorriam de Buri enquanto que da esquerda, vindos de Rondinha, outros elementos chegavam. O êxito da empresa estava comprometido.

Trava-se o combate com intensidade, infligindo-se perdas ao adversário.

Apróximava-se entretanto o fim da jornada sem que, por circunstâncias várias, se manifestasse a pressão esperada do destacamento de Klingelhoefer. Nessas condições o major Arlindo decide a retirada que se faz sob a proteção da noite que chegava.

De todas as esperanças que o comando depositava nessa operação apenas resultavam: alguns mil tiros apreendidos no caminhão indesejável, um prisioneiro do 9.º Regimento de Artilharia Montada que logo se tornou um bom soldado constitucionalista e a prova de coragem e de esforço dos que haviam tentando.

Ao norte, a diversão fizera-se nas condições desejadas. O pelotão de cavalaria que atravessara o rio repele os elementos de segurança afastada do adversário aos quase toma um fuzil metralhadora Colt com a respectiva munição, cinco fuzis ordinários e as “penosas” que eles preparavam para o almoço; atrai sobre si elementos mais fortes que vêm reforçar o dispositivo de segurança nessa direção e retrai-se depois, uma vez que já estava assim cumprida a missão que recebera.

Em fim de jornada de 13 de agosto de 1932 vêm seguindo caminho de volta os elementos de ataque a Buri pelo seu flanco sul. Noite em fora, marcham pela mesma picada da ida, guiados pela luz leitosa de um luar claríssimo... As grandes árvores ascenam ao passar dos soldados, agitando para eles seus braços nódosos de megéras.

Reconstituía-se o quadro na imaginação... vem o Arlindo com o habitual chapéu batido à moda cabocla, animoso mas cansado; seus soldados o seguem, rôtos, fatigados, açoados no regressar às linhas amigas. Marcha ao passo o esquadrão Feijó, onde os mais fatigados dormem ao embalo da andadura lenta, o comandante vem alerta sempre, a distância já os protege mas contudo...

Todo o conjunto faz lembrar bandeirantes que desvirginassem o sertão...

E a pequena coluna atinge finalmente o Apiaí; – é o muro de nosso território. Transposto ele, chegaram.

Ali mesmo, logo à retaguarda do extremo flanco esquerdo do dispositivo, próximo à estrada de Capão Bonito, essa tropa é deixada em repouso para se reconstituir.

Frente ao inimigo também o destacamento Klingelhoefer se esforçara por progredir, mas batido por fogos cruzados das armas automáticas fôra obrigado a voltar às suas posições.

Também os cavalarianos encarregados da diversão pelo norte, à noite já regressaram a seu bivaque.

Estava terminada a operação.

Custara-nos ela uma dezenas de baixas mas nenhuma perda em material.

Não fôra coroada de êxito integral mas traduzira audacioso empreendimento de nossa parte que já íamos assim experimentando a capacidade de adquirida pelas tropas do Setor.

Informações posteriormente obtidas dizem que essa jornada custou numerosas baixas ao adversário em cujo seio se estabeleceu uma confusão em virtude da qual suas tropas tirotearam entre si até o clarear do dia seguinte.

...Toda essa pequena odisséia vem narrada pela linguagem oficial no arido rigor de uma só fase:

- “A operação sobre Buri não logrou êxito”.

CAPITULO III

DEFENSIVA À FRENTE DOS RIOS PARANAPANEMA – ALMAS



Combate de Victorino Carmilo. Calvário de Capão Bonito: Combate da região de Balsa. Combate de Fundão. Abandono de Guapiara e defensiva de Pinhal Retirada para o rio das Almas.

Defensiva à frente dos rios Paranapanema – Almas

Sem obtermos, como desejávamos, a posse de Buri, estávamos ainda em condições de dificultar ao adversário o desembocar de seu grosso para oeste do rio Apiaí.

Até agora vinha ele operando com duas colunas separadas e orientadas respectivamente pela via férrea e pela estrada de rodagem vinda do Paraná pela Ribeira. Se bem que já para reduzir a resistência oposta por essa cidade e pela de Apiaí houvesse ele trazido elementos da coluna da via férrea (que era a principal) para auxiliar a progressão da que vinha pelo sul, parecia provável que, desde o seu desembocar de Buri, procurasse o adversário concentrar seus meios em Capão Bonito.

Por essa localidade passam a magnífica estrada vinda do Paraná por Ribeira, Apiaí e Guapiara e que segue para Itapetininga e a estrada que vem directamente de Buri. Situada em terreno elevado e cercada de largas ondulações nuas é vista, desde muito longe, pelo viajante vindo de qualquer quadrante. Tanta vez por aí passamos, tanto a sua estação telegráfica traduziu as pungentes impressões por vezes colhidas nas linhas de frente, que nos habituamos a quere-la. Lá estivemos na noite em que devia ser abandonada e quando partimos sentíamos a opressão de um imenso constrangimento amargurado...

Na previsão pois de que, para reunir os seus meios, desejasse o adversário a posse de Capão Bonito, para que trataria ele de combinar o ataque de nossa posição de Pinhal com uma ação partida de Buri na direção de S. E., tratamos nós de escalonar nossas reservas no flanco esquerdo do destacamento Klingelhofer.

O acerto do dispositivo de nossas tropas nessa região, surgido assim á luz do estudo direto daquilo que seria necessário para neutralisar as intenções do adversário, veio bem depressa encontrar nos acontecimentos a sua plena sanção.

Já quando foi deliberada para o dia 13 a operação sobre Buri, havia claros indícios de que da parte do adversário estava iminente o início da ofensiva.

Essa operação não tendo obtido êxito integral não pode ser de molde a perturbar-lhe a preparação. Tais indícios, assinalados pela aviação e percebidos também pelas tropas em contato se vieram concretizar no ataque desencadeado contra nós a 15 e de 16 de agosto de 1932.

COMBATE DE VICTORINO CARMILLO

O combate de Victorino Carmillo, nas jornadas de 15 e 16 de agosto de 1932 foi, sem dúvida, a operação culminante entre todas as que tiveram lugar no setor sul.

Os meios postos em ação e o caráter acentuadamente clássico de que se revestiu, poderiam mesmo indicá-la como um caso concreto digno de estudo.

Correspondentes da imprensa, acreditados junto ao estado maior do General Waldomiro, chegaram a classificá-la como “a maior batalha já havido na América do Sul”. A denominação de batalha não traz grande honra aos conhecimentos militares do classificador. É fora de dúvida, porém, que meios poderosos foram postos em ação e orientados com acerto por ambos os estados maiores em presença.

O emprego combinado das diferentes armas combatentes aí pode ser apreciado fielmente de acordo com os nossos atuais regulamentos.

A artilharia ditatorial foi acionada antes e durante a ação conjugada com elementos de aviação. No fim, a infantaria e unidades de cavalaria tentaram a exploração do sucesso, enquanto que do nosso lado, desarticulado o nosso dispositivo, constrangido o destacamento a se retrair, concentravam-se as nossas providências no sentido de limitar as consequências do revés inevitável.

Desde o dia 4 desse mesmo mês de agosto haviam os elementos constitucionalistas atingido as alturas a oeste da estação Victorino Carmillo após haverem progredido lentamente desde a estação Ligiana, recalcando à sua frente os elementos adversários que se viram, afinal, encurralados em Buri. Sua linha se estendia através de doze quilômetros, desde as margens do Apiaí na região 6 quilômetros a S. O. de Buri (região de “Balsa”) até ir se apoiar novamente no curso desse mesmo rio, agora a 5 quilômetros ao norte de Buri. Era pois um amplo arco de circo cuja concavidade voltada para esta cidade dela distava cerca de cinco quilômetros.

Em primeiro escalão, ao longo dessa frente extensa se encontravam:

- o 9.º Batalhão de Caçadores da Reserva (9.º BCR), unidade recém-chegada ao Setor e que ainda não havia dado prova de suas possibilidades; comandada por oficial da Força Pública Matogrossense de conhecimentos e capacidade limitados, tinha o escasso total de oito armas automáticas; instalada de um lado e outro da via férrea constituía essa unidade o pivot do nosso sistema defensivo;

- o 1.º Batalhão de Reserva de Engenharia (1.º BRE) e o 6.º Batalhão de Caçadores da Reserva (6.º BCR) constituíam a ala esquerda cuja extremidade era coberta por uma companhia do Batalhão Borda Gato (voluntários);

- constituído a ala direita achava-se apenas uma companhia do 7.º Batalhão de Caçadores da Reserva (7.º BRC) e um pelotão do esquadrão Jardim.

Para reforço eventual do flanco esquerdo, por onde já ficou dito, tínhamos motivos de acreditar que o adversário forçaria, havíamos disposto na região mesma da estrada pela Capão Bonito, algumas unidades em segundo escalão. Eram elas, o esquadrão Garcia Feijó, o Batalhão Arlindo e uma companhia do Batalhão 14 de Julho que se instalara na região chamado do “Fundão”. Ainda mais atrás desse flanco, e já quase ao chegar em Capão Bonito permanecia o restante do Batalhão 14 de Julho.

Para reforço eventual e cobertura do flanco direito onde não havia razão para os mesmos receios, uma só companhia (do 1.º B. R. E.) se encontrava em segundo escalão.

Como reserva, isto é, como elemento para a manobra, dispunha o comandante do destacamento de:

- cerca de companhia e meia do 7.º B. C. R. e uma companhia do 1.º B. R. E., em Aracassú

- e o Trem Blindado, sob o comando do capitão Afonso Negrão, que se deslocava ao longo da via férrea.

A artilharia era constituída pela massa “imponente” da seção Mascarenhas, contra cujos dois canhões se iam encarniçar em vão os tiros de várias baterias!...

Esses os elementos constitucionalistas destinados a enfrentar o ataque iminente do adversário.

Não se achava o comando do Setor na ignorância dos meios que o adversário poria em ação nessa ofensiva.

O trabalho que nossa aviação, então no período de sua máxima eficiência, efectuava cada dia, nos punha ao par daquilo que se passava para lá do Apiaí. Dormem nos nossos arquivos os relatórios desse inesquecível Machado Bitencourt em que estão assinaladas as composições que fumegam em Buri nos dias doze, treze e quatorze; em que se indicam as reuniões existentes nesses capões de mato que explodem em soldados quando atingidos pelas suas bombas.

Agentes traziam diariamente suas informações fragmentarias que se reúnem no Quartel General na constituição de conclusões positivas... E, é hoje a informação de que gôndolas são vistas passando vazias para Rondinha; é o General Waldomiro de Castilho que chega para estabelecer o seu posto de comando em Buri, tendo ao lado respeitável abrigo subterrâneo; é o tráfego de caminhões que dia a dia aumenta, partindo da estação para os bosques próximos à localidade...

São todos esses mil indícios que carregam a atmosfera do Quartel General de Itapetininga onde paira iminente a tempestade de ódios fratricidas que vão lançar sobre os bravos voluntários de São Paulo a sanha dos dez mil acuados de Buri!...

No dia 15 de agosto, bem cedo, ao clarear, o troar da artilharia acionada com violência desusada, indica o começar da ação. Centenas de projetis, durante toda a primeira parte do dia, pontilharam as ondulações da região. Seria falsear a verdade, seria mesmo assegurar o impossível, dizer que o moral de nossas tropas houvesse sofrido inalteravel esse canhoneiro.

Das oito baterias assinaladas em ação, cujos canhões desejavam projetis a mancheias, era de esperar, contudo, assaz diversos resultado. A preparação ruidosa se prolongou sem interrupção desde as seis horas e cinquenta até cerca de quatorze horas e, quando depois dela, começou a infantaria a progredir sobre nossas linhas, verificou-se que a sua modesta densidade permanecia a mesma e que a desarticulação de seus elementos ia exigir muito mais do que essa granadas despejadas a esmo, sobre falsas organizações vazias, ou talvez mesmo, sem objetivos definidos!...

Artilheiros do meu país, todos os tiros dados nesse dia foram inócuos! Falharam vossas observações, estavam errados vossos cálculos de alça e de deriva! Os projetis, o gênero de tiro escolhidos estavam errados e com eles pouco sofreu o vosso adversário! Nesse dia, o impressionante poder da nossa arma, o seu ruído que aterroriza no combate, foram menos expressivos que o simples tiro de um fuzil ordinario!... Falhastes.

Mentira que houvessem sido desmontadas duas peças da artilharia constitucionalista!

Mentira que houvesse sido atingido o trem de comando do coronel Klingelhoef.

Não descreio de vossa capacidade na execução de um tiro de artilharia, mas... os canhões brasileiros não foram feitos para atirar na direção do norte!

E quando, postos nessa direção os olhos vivos de suas lunetas, viram eles pela frente o destemor dos improvisados lutadores paulistas; viram que seus projetis iriam revolver essa gleba fecunda que tem feito grande parte da grandeza brasileira; viram que se propunham, os que acionavam, a destruir um projeto saturado do mais puro idealismo construtor, desviaram-se propositalmente da direção criminosa e pouparam, nessa generosidade santa, esses velhos canhões da nossa Patria – o sangue mais puro do Brasil!...

Mas, desde as quatorze horas o ataque começa a se desenvolver. Sob a proteção do canhoneio, sucessivos batalhões transpuzeram as pontes de Buri e, inflectindo para S. E., procuravam recalcar nosso flanco esquerdo cuja consistência desconheciam.

Por toda a frente se generaliza a luta mas bem depressa se percebe a intenção do adversário.

O capitão Djalma Dias Ribeiro e o tenente Octavio de Menezes Povoá, destacados para junto do comandante do destacamento como representantes do coronel comandante do Setor, fazem-se os esteios de nossa resistência.

O primeiro destes oficiais já muito conhecido no Exército, realiza uma perfeita organização militar. Sua bravura no combate corresponde

integralmente á operosidade constante e á mascula energia evidenciada anteriormente na paz. Todos os seus titulos de preparo e de competência, postos à prova das mais difíceis situações, foram excedidos. O antigo instrutor de artilharia da Escola de Aperfeiçoamento, mostrou nos campos de batalha a camaradas mais jovens, como se utilizam acertadamente os canhões de que se dispõe. Como dizia de si mesmo, ia num só dia “de chefe de peça a comandante de artilharia do Setor. O atual aluno da Escola de Estado Maior pôs em evidência o que será na sua personalidade vigorosa esse titulo honrosissimo de “oficial de estado maior”.

O segundo, seu adjunto do momento, é um oficial ainda jovem, que pela primeira vez se encontrava em face das realidades terríveis dos combates. Seu destemor consciente, ilimitado e bem humorado fazem-no um combatente de primeira categoria. Nesse grande combate de Victorino Carmilo excedeu-se em dar exemplos de bravura e de infatigavel actividade. Foi dos ultimos a deixar Victorino Carmilo no momento acabrunhador da retirada.

O coronel Klingelhoefler de coragem estoica, o capitão Djalma, o tenente Povia, desdobram-se nas providências de cada momento.

A infantaria adversária, investindo com vigor contra as nossas linhas sofre severas baixas mas consegue recalcar os elementos de ligação do 6.º B. C. R. com a extrema ala esquerda. Sobre esse batalhão e sobre a companhia Hernani do Batalhão Borda Gato incide o esforço principal do inimigo que em sua frente concentra meios esmagadores.

Ha trincheiras investidas a arma branca por elementos da policia gaúcha.

Os voluntários paulistas não se intimidam porém e, por sua vez, apelam para o ultimo cartucho dos valentes – a baioneta.

Mas, em fim de jornada nossa linha está rôta.

A ala esquerda do 6.º B. C. R., no limite da resistência de seus homens, anulara-se absorvida pelo terreno onde os soldados desapareciam em debandada ou submergida pela progressão dos numerosos pelotões adversários.

A companhia Hernani fôra obrigada a se retirar tambem e, assim desarticulava o dispositivo Klingelhoefler.

Nessa região de esforço principal do inimigo, se haviam lançado nessa meia jornada de combate, todos os recursos disponiveis.

A pequena reserva do destacamento aí fôra empregada desde o inicio; depois são trazidos elementos da ala direita onde a pressão é menor, para auxiliar esse sacrificado 6.º B. C. R. e nesse recorrer às fracas disponibilidades da direita vai o capitão Djalma à extremidade de lá deixar apenas elementos que simulassem a ocupação das trincheiras existentes!

Nas más jornadas de combate a escuridão da noite chega como um manto protector a cuja sombra empenham-se os oficiais na reconstituição de suas unidades; o combatente abatido e fatigado encontra então no sono nova disposição para o dia seguinte e os elementos da bemfazeja Cruz

Vermelha se põem em campo para procurar os feridos ou para dar sepultura aos que tiveram na jornada o ponto final da existência, no impacto inexpressivo de uma bala...

De nossa parte não considerávamos a ação terminada e muito menos perdida. Nossa obstinação resolvera apresentar ao amanhecer a linha reconstituída, nas mesmas condições anteriores. E dentro dessa ideia foi a noite de 15 para 16 rigorosamente aproveitada.

Um novo batalhão, o 9 de Julho, sob o comando do major Tenorio de Brito, chegara em reforço às forças do Setor Sul. O coronel Taborda coloca-o imediatamente às ordens do coronel Klingelhofer que com ele restabelece a situação.

Havia esse batalhão feito parte da infeliz retirada de Apiaí sobre Xiririca e vinha de ser reconstituído em São Paulo. Anseava ele por enfrentar o inimigo para o qual circunstâncias desfavoráveis, já de outra feita lhe haviam feito voltar as costas, em jornadas desabonadoras...

A situação correspondia maravilhosamente a tais desejos...

Pela madrugada ele é colocado em linha, restabelecendo a continuidade da frente, contra a qual redundavam assim inúteis os esforços inimigos da véspera.

Mas, por sua vez, havia este reconstituído seu dispositivo de ataque e, desde o início da jornada são os fogos da artilharia, agora ajustados, em uma vigorosa progressão da infantaria que comprometem novamente a situação.

Recomeçam, desde cedo, as dificuldades que o capitão Djalma e o tenente Povia, infatigáveis, lutam por dominar.

Conseguem-se até às quatorze horas, quando uma companhia do próprio 9 de Julho desarticulada e desanimada ante a violência do ataque, abandona as trincheiras que ocupava.

Temos, novamente, desde esse momento, a linha fragmentada e o inimigo vê pela frente o seu caminho aberto.

Dessa vez falta-nos o manto protector da noite e falta-nos um Josué dinâmico que apresse o caminhar do sol...

No restante do dia pode o adversário explorar o êxito obtido ali; progride pela brecha e força, com essa progressão, o retraimento de todo o dispositivo.

Sôa a ordem sombria da retirada e, na confusão do momento, esta que se deveria fazer para Aracassú leva as nossas tropas estenuadas para as barrancas acolhedoras do Paranapanema, na região de Ligiana...

Na extrema esquerda, sobre o eixo da estrada de Capão Bonito, algumas unidades ficavam sem ligações com o comando do destacamento e impossibilitadas, portanto, de receber ordens.

Nesse fim de jornada de 16 de Agosto de 1932 terminava assim o importante combate de Victorino Carmilo em que a desproporção dos meios nos inflingira um reves. A firmeza do coronel Klingelhofer, a bravura tenaz e irreductível do capitão Djalma e do tenente Povia retardaram tanto quanto possível o advento da derrota e limitaram ao mínimo as suas consequências.

A coesão da tropa; sua incrível resistência às fadigas e à depressão naturalmente causadas pelo ruidoso bombardeio; a impavida obstinação com que se conservava nas trincheiras mesmo quando abordadas e desabordadas pelas vagas assaltantes, foram elementos que, certo, terão surpreendido o adversário. Ao estado maior do Setor, os pungentes acontecimentos dessas duas difíceis jornadas, vividas por tropas improvisadas e que em tão pequeno número enfrentavam as numerosas unidades atacantes, trouxeram nova fé nas operações futuras e mais sólida confiança no término feliz da campanha no Setor Sul.

– HONRA aos sofrendores “polus” de Victorino Carmilo, paulista, tombados nessa luminosas jornadas de 15 e 16 de Agosto!

– HONRA a esses heroicos batalhões de voluntários: 6.º, 7.º e 9.º B. C. R., 9 de Julho, Batalhão Arlindo, 1.º B. R. E. e Batalhão Borba de Gato, que, assassinados à distancia pela artilharia adversária, mantinham suas posições como se o sentimento do dever os houvesse fixado ao solo por meio de profundas raízes crescidas num momento!

– HONRA a todas essas laboriosas formigas humanas que, vindas de longe, de todos os rincões paulistas, traziam o cimento de seu esforço para a construção da muralha ciclópica onde se iria quebrar o arremesso insolente dos invasores desse São Paulo meridional!...

Ao amanhecer do dia dezessete estavam as tropas do destacamento Klingelhoefler divididas: uma parte, refluída no correr da noite para Ligiana onde acolhidas pelo esquadrão Jardim e ao sabor da própria fadiga estacionava em completo alheamento em relação ao inimigo; outra, constituída pelo esquadrão Feijó, batalhão Arlindo e companhia Hernani (do Batalhão Borba Gato), recalcada sobre a estrada de Capão Bonito, fôra acolhida por uma companhia do Batalhão 14 de Julho entrincheirada na região de Fundão.

Entre elas, à mercê de uma avançada enérgica do adversário, todo o curso médio do Paranapitanga.

Em face desses acontecimentos, o comandante do Setor Sul decide fazer imediatamente uma nova organização de comando correspondente à situação do momento.

O alto comando constitucionalista vem de atribuir novos reforços a este Setor, os quais estão a chegar. No correr da noite de 16 para 17 de agosto salta em Itapetininga o tenente coronel Milton com alguns oficiais de sua confiança; na jornada de 17 deverá aí estar o 10.º Batalhão de Caçadores da Reserva (10.º BCR) que sob o comando do tenente Adacto Pereira de Melo é o depositario de nossas melhores esperanças.

A capacidade profissional, a expressão moral do tenente coronel Milton de Freitas Almeida, um oficial modelar, chegam a nós na aspereza desse instante com um poderoso apoio para que lhe pudessemos dominar as dificuldades. Consagrado na paz pelo seu preparo e pelas suas atitudes perfeitas, no correr de toda esta campanha ele deveria ser entre nós um

verdadeiro Bayard. Em vão se expunha diariamente às balas do adversário na inspeção infalível às posições mais arriscadas e sua tropa, para ir tombar gravemente ferido quase ao encerrar da luta, diante dos fuzis criminosos de um pelotão amotinado.

Fomos vê-lo na dúvida cruel dos primeiros momentos de hospital.

À vista mesma do cirurgião, cujo aspecto sombrio nos fazia gelar sob a ameaça de um prognóstico desfavorável, era o mesmo valente que não fraquejava ante a ironia dos acontecimentos.

Foi, sem dúvida, a sua atuação no Setor Sul um dos principais elementos de êxito do plano de campanha adotado.

Como tropa, o reforço que nos chegava era constituído pelo 10. B. C. R., mais comumente designado de “Coluna Adacto”.

Havia este oficial sido o organizador das unidades de reserva que se constituíam em Quitaúna, sendo enviadas à frente depois de ligeiro estágio de instrução.

Após organizar nove batalhões de caçadores da reserva (B. C. R.) resolveu o tenente Adacto ligar seu nome ao décimo deles.

O efectivo superior ao dos outros, sua especial dotação em armamentos e uma organização peculiar pareciam destinados a dar-lhe pronunciada capacidade combativa.

Era pois, no momento, dádiva importantíssima que nos chegava e com a qual o alto comando procurava assistir aos infatigáveis lutadores do Setor Sul.

Pisa esse batalhão as ruas de Itapetininga, de onde haviam ido já os derradeiros elementos disponiveis, como chegara outrora às vielas de Monte Santo no sertão baiano o Batalhão Moreira César! – Ia liquidar Canudos, diante de cujos muros parece que se batiam há tempo milhares de covardes incapazes!... Não tinha aqui o 10.º B. C. R. essa insolência do 7.º Batalhão daqueles tempos mas pairava no espirito de todos a crença de que aquela gente bem armada, maravilhosamente equipada e convenientemente comandada, realizaria no campo de batalha alguma coisa que surpreendesse o proprio adversário.

Sua interessante organização original comportava cinco companhias, a saber: uma de fuzileiros, duas de assalto, com armamento individual, uma de metralhadoras e uma de bombardas.

Englobando um total apróximado de setecentos homens, de cerca de quinze armas automáticas e de quatro morteiros, constituía, sem dúvida, força ponderável.

Os acontecimentos, porém, se encarregaram de filtrar convenientemente toda essa massa humana e de pôr em evidência as deficiências de uma organização adotada sob moldes demasiadamente abstratos.

As unidades que as circunstâncias haviam recalcado para o Fundão (cerca de doze quilômetros de Buri), reforçados pelo restante do Batalhão 14 de Julho passam a construir um novo destacamento, inicialmente sob o

comando do bravo major Arlindo. Sua missão seria de cobrir o eixo Buri-Capão Bonito.

Sobre o eixo da via férrea surgiriam dois destacamentos: o do coronel Klingelhoefler que, reunindo as unidades mais gastas do combate de 15 e 16, se organizaria defensivamente nas margens do Paranapanema, região de Engenheiro Hermilo – Ligiana; esses elementos aí se reconstituíam e acolheriam, se necessário, o outro destacamento que seria lançado á frente; o do tenente coronel Milton, que constituído pelo 9.º e 10.º B. C. R., Batalhão 9 de Julho, Esquadrão Jardim e Seção Mascarenhas, deveria desde o início da jornada de 17 partir em contra ataque.

Para assegurar a ligação entre o destacamento do tenente coronel Milton e o de Fundão, cobrindo o rio Paranapitanga, foi constituído um outro destacamento que, sob o comando do capitão Garcia Feijó, reuniria um esquadrão de cavalaria e uma boa companhia do Batalhão Borba Gato.

Sem um momento de desânimo, sem a perda de um só dia, a maioria dessas tropas extremamente fatigadas por penosas jornadas de combate, desfalcadas em seus efetivos pelas mortes e pelas deserções, ao receber as ordens do Quartel General partem à ofensiva, nesse disputar incessante do terreno que haveria de trazer às forças do Setor Sul seus indiscutíveis títulos de glória!...

É o destacamento de Fundão que surpreendendo o adversário na rapidez com que iniciou a sua progressão, em duas jornadas estava de novo nas nossas antigas posições em cuja linha existia uma fazendola conhecida entre os soldados pela “casa do alemão”!

É o destacamento do tenente coronel Milton, cuja vanguarda conduzida pelo capitão Djalma e constituída pelo esquadrão Jardim, trem blindado, uma companhia do 9 de Julho e duas outras do 9.º B. C. R., já na noite desse dia dezessete de agosto de 1932 novamente se encontravam nas alturas a oeste da estação de Aracassú!

É, enfim, o esforço imediato e generalizado para a reconquista das posições perdidas...

Nossas tropas debilitadas pelos acontecimentos dos dias anteriores não conseguiram realizar esforços correspondentes aos desejos do comando e às necessidades do momento.

O destacamento do tenente coronel Milton, mesmo depois da chegada do batalhão Adacto, que teve lugar na noite de dezessete, não conseguiu ir muito além das posições asseguradas nessa jornada pela sua vanguarda.

Pela segunda vez o capitão Djalma havia arrancado nossas tropas das barracas do Paranapanema. Da primeira, seus esforços as levaram a Victorino Carmilo, da vez presente ele as conduzia a Aracassú, limitando destarte a oito quilômetros a progressão total de um ataque para o qual o adversário levava uma quinzena a reunir meios, lançados durante dois dias em uma luta encarniçada sob a proteção de mais de trinta peças de artilharia.

Era uma obstinação infatigável!...

O CALVARIO DE CAPÃO BONITO

Inegável era, entretanto, a vitória do adversário. Apesar das numerosas baixas por ele sofridas havíamos perdido as vantagens de uma frente defensiva continua. Entre os dois destacamentos agora existentes na região, o de Aracassú e o da região “Balsa”, havia larga extensão onde com dificuldade se mantinha um terceiro destacamento de ligação, improvisado sob o comando do capitão Garcia Feijó.

Desde então, estava Capão Bonito seriamente ameaçado.

A estrada que partindo de Buri conduz a essa localidade estava coberta apenas pelo destacamento do major Arlindo, cujas forças estavam de algum modo isoladas. À sua direita, o élo fragilimo do destacamento Feijó que, espalhado nas campinas da margem esquerda do Paranapitanga, ia por meio de movimentos continuos iludindo o inimigo a cerca de seus insignificantes efetivos; à sua esquerda, tênue cortina da cavalaria Rio Pardo que, já agora retomada em mãos pelo comando, vigiava o curso do Apiaí Mirim, desde Proenças até a sua foz.

Esses núcleos de resistência estava, pois, demasiadamente exposto a um golpe do inimigo. E deslocado ele, a configuração do terreno levar-nos-ia à condenação inevitável de Capão Bonito com o retraimento de toda a nossa esquerda para o curso do rio das Almas.

Tudo isso porém previsto, cumpria a este destacamento correr o seu risco. Dentro de nosso plano de campanha, essas resistências, essas acções mesmo aparentemente isoladas, se articulavam no conjunto e traziam vantagens apreciáveis à manobra. Tinham seu papel...

COMBATE DA REGIÃO DE BALSA

Foi sob os olhos atentos do comando do Setor que se elaborou e que começou a decorrer essa nova odisséia de nossos voluntários cujo termino seria a dramática retirada de Fundão.

Já desde o dia 20 de agosto de 1932, o adversário reiniciava suas tentativas de abrir o caminho de Capão Bonito, forçando agora por duas direcções: de S. O., martelando o Destacamento tenente coronel Martins, nas alturas de Pinhal; de N. O., procurando reduzir a resistência do destacamento da região de “Balsa”. Este destacamento passou ao comando do tenente coronel Anchieta, da Força Pública Paulista, para que, o já agora tenente coronel Arlindo, permanecesse á testa de seu batalhão. Além do Batalhão 14 de Julho (comandado pelo capitão Heliodoro) e do Batalhão de Arlindo, seus componentes originários, tinham o destacamento sido reforçado pelo Batalhão Pirassununga e por duas companhias da Legião Negra, unidades que estavam por fazer suas primeiras provas.

A 20, 21 e 22 de agosto de 1932 é um martelar constante de artilharia e de aviação. A 23 já a infantaria adversária, sob a protecção de bombardeios,

procura progredir mas nossos elementos não cedem palmo de terreno. Nessa jornada o adversário tenta um desbordamento pela direita do destacamento e elementos de sua cavalaria procuram transpor o Apiaí em ponte Velha, região a vários quilômetros ao S. do flanco esquerdo de nossa posição.

Nas jornadas seguintes é o mesmo martelar quotidiano. O flanco esquerdo cada vez mais fortemente ameaçado estende-se progressivamente nessa direção.

Na jornada de 25 de agosto a situação se agrava.

Forte cobertura fixa todas as unidades de Aracassú onde a energia do tenente coronel Milton não consegue obter da tropa esforço que recalque energicamente o adversário, como seria necessário ao caso.

O destacamento tenente coronel Anchieta sente-se investido por fortes elementos cuja artilharia e cuja aviação o acossam de uma maneira ainda não conhecida no decorrer dessa prolongada luta. Seu sacrifício parecendo iminente, parte do Quartel General às 11 horas desse dia o tenente Povia, levando a ordem de seu retraimento para a região de Fundão, lugar onde a estrada de Capão Bonito atravessa o vale do Paranapitanga.

As circunstâncias não permitiram que esse movimento se fizesse.

Elementos inimigos já haviam conseguido atravessar o Apiaí Mirim e se instalar em cabeça de ponte á sua margem direita.

A manobra do inimigo esboça-se clara, e, a parada que se impõe de nossa parte é o retraimento imediato.

A vontade que a tropa demonstrava de guardar as suas posições e o exercício de uma certa iniciativa excessiva por parte do comando do destacamento retardaram de uma jornada o movimento prescrito.

Na jornada de 26 de agosto, novamente atacada com vigor, o destacamento sob a proteção de elementos deixados em contato à frente e no flanco esquerdo retrae-se para a posição de Fundão.

Essa execução retardada de uma ordem do comandante do Setor não seria isenta de consequências desastrosas. Um pelotão reforçado do Batalhão 14 de Julho guardando a Ponte Velha vê-se a pique de aprisionamento e só se salva com sacrifícios desmedidos, graças ao sangue frio demonstrado no momento pelo capitão Bravo que o fez retirar por lances; o bravo tenente coronel Arlindo, procurando se ligar a esse elemento, perde-se na mata onde vem a ser aprisionado pelo adversário e o automovel blindado que seguira de vespera para essa região é que providencialmente restringe essa série lamentável...

Já á frente de Aracassú o adversário havia tomado medidas que até certo ponto neutralizavam a ação do trem blindado que corria sobre os trilhos da Sorocabana e, nessas condições, lá dentro permaneciam mal aproveitados o capitão Negrão com o seu pelotão de bravos.

Chegando a Itapetininga um automovel blindado que maravilhosamente fôra preparado para as operações do Setor Sul, o comandante do Setor mete-lhe no bojo uma trica demoníaca chefiada pelo proprio capitão Negrão.

E, livre nas estradas e nos descampados, sem a sujeição rígida dos trilhos ferroviários, estréia o Blindado 14 de Julho em entreviro memorável, nessa tarde de 26 de Agosto de 1932!

O retraimento se processa com todas as dificuldades inerentes á pratica de tal operação feita à luz do dia e sob o fogo inimigo.

E, no dia seguinte, executando o retraimento, já existe uma nova frente defensiva no corte profundo do Fundão onde se vai exigir um novo esforço do adversário.

Havia este feito um novo lance para a conquista de Capão Bonito mas, de nossa parte, ganharamos também o lapso preciosissimo de... 10 dias.

COMBATE DO FUNDÃO

Os nossos elementos recalcados da região de Balsa vieram, durante castigados, constituir a posição de Fundão¹.

O batalhão de Arlindo, que perdera seu comandante e agora obedecia ao comando do capitão Pedro Ribeira, reforçado por uma companhia da Legião Negra, barrava o eixo da estrada de rodagem; o batalhão Pirassununga teve a incumbência de defender a ponte da Manteiga, que fica a cerca de 2,5 quilômetros à oeste dessa estrada de rodagem; o Regimento da Cavalaria Rio Prado ainda era mantido na cobertura do curso do Apiaí Mirim, e o Batalhão 14 de Julho, já no limite de suas possibilidades, mantido em reserva, havia sido escalonado à retaguarda do flanco esquerdo da nova posição.

A dura experiencia da campanha havia ensinado aos nossos soldados improvisados o valor de uma conveniente organização do terreno. Desde que a nossa tropa chegava a uma posição era um trabalhar intenso na abertura de abrigos onde em pouco tempo desaparecia ela, jungidos seus soldados a esse destino de “toupeiras” a que os obrigam as armas automáticas dos dias atuais. Os oficiais tinham compreendido o valor do emprego das armas automáticas dispostas em plano de fogo convenientemente estudado e realizado. De outra parte, suportando por longas jornadas pesados bombardeios de artilharia e de aviação, haviam nossas tropas se tornado quase indiferentes á esses sofrimentos.

E dessa forma, com o passar dos dias de campanha, nossas tropas se iam tornando mais ou menos inabordáveis pela frente. Cumpria ao adversário, para desalojá-los das posições ocupadas, desenvolver sistematicamente consideráveis elementos. Era indispensavel a manobra, porque essas bisonhas unidades de São Paulo ancoravam-se, fixavam-se ao solo, donde só saíam quando sentiam suas retaguardas rigorosamente ameaçadas.

E assim se deu nesse encarniçado combate de Fundão.

¹ Atual Floresta Nacional (FLONA) de Capão Bonito. Vide: <https://qrqo.page.link/Tmy8L>.

Desde a tarde do dia 27 de agosto já o inimigo procura o contato com a nossa nova posição. A 28 e 29 de Agosto caem durante todo o dia, sobre nossas trincheiras, granadas de artilharia e bombas de aviação. A seção do tenente Burkner, de canhões Schneider, trazido às pressas não consegue neutralizar as duas baterias já reveladas do lado adversário.

A 30 de Agosto é o ataque que se desencadeia. No eixo da estrada de Capão Bonito o adversário nada consegue mas à nossa direita, para os lados da ponte da Manteiga, o Batalhão Pirassununga (cem homens, no máximo) não se mantém e, lamentavelmente abandonado pelo seu comandante, reflue em parte para as proximidades do P. C. do tenente coronel Anchieta e em parte para a Fazenda Santa Inês, a quinze quilômetros de distancia!

Por seu turno também a cavalaria Rio Prado se havia na véspera retraído para a Serraria do Candoca a alguns quilômetros a noroeste de Capão Bonito e, dadas as condições do momento fôra nesta jornada lançada para a linha Roma-Romanos, face ao curso do Apiaí-Mirim, onde ainda poderia ser de grande utilidade.

O inimigo, porém, já tinha sua manobra assaz adiantada.

Recalcara nosso flanco direito, abrindo passagem pela ponte da Manteiga; tinha já elementos consideráveis sobre a retaguarda de nosso flanco direito onde essa cavalaria Rio Prado não sómente se vê incapaz de atingir a linha que lhe fôra prescrita com também, castigada, desarticulada e repelida, reflui em mal estado para Capão Bonito.

Todavia, a obstinação do comando local dá esperanças de que ainda possa restabelecer-la e o Comandante do Setor, entrevê por seu lado, a solução num contra ataque que se pudesse levar a efeito com energia e em direção conveniente.

Com providências fulminantes reforça o destacamento Garcia Feijó por meio de um batalhão constituído às pressas² e dos elementos recuperáveis do Pirassununga; dá-lhe o apoio de uma seção de artilharia e indica-lhe a missão a cumprir: “contra atacar desde o inicio da jornada de 31, segundo o eixo Ponte Delphino – Buri, afim de evitar a queda iminente da posição de Fundão”.

É investido do comando desse destacamento o 1.º tenente Luiz Carneiro de Castro e Silva em cujos ombros são colocados, por emergência, os galões de tenente coronel; seu auxiliar imediato, o 1.º tenente Octavio de Menezes Pova recebe a graduação transitória de major.

A nossa aviação, fortemente acionadas, realiza tres saídas durante a jornada, fazendo pesar bombardeios maciços sobre as retaguardas adversárias.

E vem essa noite de 30 para 31 de Agosto, cheia de apreensões para o comando e de indizíveis sofrimentos para a tropa.

² Batalhão Major Cezar, constituído apenas por uma companhia de fuzileiros e outra de metralhadoras pesadas.

O tenente coronel Anchieta esforça-se no sentido de reorganizar a sua linha em que as baixas e a confusão do ataque sofrido no correr de todo o dia haviam prejudicado a conveniente disposição dos elementos. O bombardeio da artilharia prolonga-se mesmo depois da chegada da lua e as vastas lombadas da região, varridas pelo sopro cortante de um vento oéste, transformam-se em ambiente infernal onde duendes adoidados lançam-se por terra, aqui e ali, em busca de abrigos, quando numa ronda de morte se apróximavam as granadas inimigas.

A tropa atinge o limite de sua resistência e as poucas disponibilidades do Setor iriam ser lançadas, por meio de contra ataque, num socorro que, embora indireto, muito mais nos prometia como resultado.

O batalhão Arlindo é irredutível. Consumido pelos sucessivos esforços quem vem ha longo tempo fornecendo, mantém-se em primeira linha, resistindo estoicamente as severas baixas que o fogo adversário lhe vai inflingindo.

O Batalhão de voluntarios 14 de Julho já mal resiste porém as terríveis emoções dos ultimos embates. Constituido da fina flor da mocidade paulista, ele viera no roldão de nosso mal começo desde o entrevero inicial de Itararé. Agora, fraquejavam os nervos dessa rapaziada bisonha a que se havia reservado copia considerável de amarguras.

No extremo limite da fadiga, constituia nesse momento tal batalhão pungente problema para o comando.

Sem que houvesse outro elemento para substituí-lo, cumpria ser ele conservado em linha, mesmo porque ainda nos era dado esperar que no momento critico se produzisse uma galvanização nesses elementos cuja bravura agora eclipsada pela depressão orgânica resurgiria mais tarde em manifestação surpreendente...

O problema do comando nos escalões mais elevados, tem como um dos seus aspectos principais o “facies” psicológicos. Deve o comando jogar a cada momento com os recursos de ordem material mas, de par com eles, e sobretudo quando nada mais deles fôr possível esperar, surgem os fatores imponderáveis para sofrer a necessária apreciação.

No caso, assim foi feito.

Em face de situação gravissima, à mingua de recursos, vai recebendo o comandante do Setor os relatórios que indicam o esgotamento do Batalhão 14 de Julho cujos elementos jazem nas trincheiras como mortos de fadiga.

São muitos a solicitar a retirada dessa unidade para Itapetininga, mas são poucos a pensar no que seria o retraimento desse magnifico batalhão Arlindo sem ter à sua retaguarda alguém que o acolhesse...

Já estava delineada a manobra para o dia seguinte 31 de agosto, no caso provavel de nada conseguir o contra ataque Castro e Silva. Há nessa manobra papel reservado ao Batalhão 14 de Julho e com o qual se vão salvar os elementos engançados ao primeiro escalão.

Esse trapo de batalhão, cujo resto de coesão ainda se deve ao vulto emocionante de Miguel Coutinho, recebe ordens de se manter nas trincheiras de segundo escalão e,... manter-se-á.

O comando tinha motivos para contar com ele.

Mal desponta essa má jornada de 31 de agosto retoma o adversário a atividade ofensiva com que se encarniçava por reduzir a resistência de nossa posição.

É extremamente forte o fogo de sua artilharia e por três vezes se faz sentir a ação de sua esquadrilha aérea.

No correr da noite importantes elementos haviam transposto o Apiaí-Mirim na região de Basilio Nunes, progredindo sobre o Paranapitanga. Desde cedo os órgãos de fogo desses elementos (9.º R. C. I.; e 3.º Corpo Provisório) tornam impossível o trânsito pela estrada de Buri, estando assim comprometidas as comunicações do destacamento do tenente coronel Anchieta que se passam a fazer dificilmente, através do campo e a coberto das cristas.

Rijamente martelados pela frente, vendo sua direita ameaçada pela progressão do adversário através da ponte da Manteiga, são alguns de seus elementos estrangidos ao abandono das posições que ocupavam.

Desde então os acontecimentos se precipitam em plano inclinado que num resvalar acelerado vai conduzi-los a cenários inacreditavelmente trágicos...

O arrebetamento de numerosas granadas havia transformado trechos da macéga ressequida em grandes fogaréus que se deslocavam para este ao sabor da ventania. A fumarada densa toldava o céu, abreviando a duração do dia.

Tão logo se sente atingidos pelos tiros do inimigo, o Batalhão 14 de Julho resurge, como era previsto pelo comando e, quando os elementos adversários postados em nosso flanco esquerdo iniciam a sua progressão, desavisados da posição por ele ocupada, vêm cair justamente sob o fogo de suas metralhadoras, a menos de cem metros de distancia!... E, é um ceifar impiedoso.

Na confusão inevitável do momento os soldados atônitos procuram se salvar. Projetados seus vultos nas labaredas desmedidas ou entrevistados de mistura com as volutas absurdas da fumarada, apareciam aos jovens do Batalhão 14 de Julho numa visão de pesadelo em que esses atacantes fraticidas mergulhavam nas chamas do solo paulistas, rasgado em fomalhas gigantescas...

Assim colhido de surpresa por esse providencial escalonamento de nossa tropa, sentem-se perdidos esses elementos inimigos que investiam nosso flanco. Seus soldados agitam lenços brancos para os nossos, como a propôr rendição. É cessado o fogo e são alguns deles recebidos no seio da tropa constitucionalista.

Na realidade eles não se queriam render: reeditavam apenas, nas aperturas da situação crítica, um estratagema já de outras vezes empregado.

Todavia, na reconciliação de um momento, gauchos e paulistas estreitam-se em abraços fortes. Combina-se uma trégua para cuja ratificação os mais graduados se dirigem ao posto de comando do comandante do destacamento. Este exige a presença do comandante da força que se fôra chocar com a trincheira do Batalhão 14 de Julho. Ao cair da noite chega o major Reis, comandante do 3.º Corpo Auxiliar, fazendo-se acompanhar de outros oficiais. A discussão se entabola e decorre em alternativas e cordialidade e de veladas ameaças.

Falta em nossos arquivos o relatório desse entendimento que lá se deveria encontrar mas, o que é fora de dúvida é que ambos os comandantes se esforçavam por disfarçar a situação das respectivas tropas.

As duas ultimas jornadas de combate haviam extenuado as unidades de nosso destacamento; de sua parte, porém, o adversário havia sofrido consideráveis baixas.

O contra ataque do destacamento Castro e Silva não se haviam realizado e, toda a jornada mal chegara para a reunião de suas unidades. A vanguarda, lançada na direção de Buri, fôra detida desde logo pelas armas automáticas adversárias. A ação reflexa que dessa operação se esperava em proveito das tropas de Fundão, ia no momento, como tantas outras, se reunir ao rol das esperanças perdidas do comandante do Setor.

A situação impunha o retraimento do destacamento do tenente coronel Anchieta e imediatamente providências eram tomadas para a reconstituição da linha mais à retaguarda.

Ainda uma vez vibram os fios telegráficos na transmissão da ordem de retirada.

Do entendimento do tenente coronel Anchieta com o comandante gaúcho resultara que as operações só recomeçariam na manhã seguinte, isto é, no dia 1.º de setembro de 1932.

Exerceria aos limites da razão exigir de nossos elementos novo esforço serio para cobrir Capão Bonito, no eixo da estrada de Buri. De conformidade sempre com o nosso plano de campanha havíamos já admitido o sacrificio dessa localidade, dentro de um prazo mais ou menos curto.

O retraimento do destacamento de Fundão, nas condições em que se ia fazer e, em virtude da inexistência de disponibilidades de novas unidades no Setor, ameaçava já a retirada do destacamento que defendia a posição de Pinhal.

Tratou-se pois imediata e inicialmente da constituição de uma nova frente que passando pela Fazenda Santa Inês e Serraria de Candoca, deveria:

- a) acolher o destacamento do tenente coronel Anchieta, vindo de Fundão;
- b) constituir cobertura sob cuja proteção se escoasse o destacamento de Pinhal.

E, durante toda a noite de 31 de Agosto para 1.º de Setembro passam, rumando para lá do rio das Almas, quase todos os elementos do que fôra durante quinze dias o destacamento do Fundão.

Epilogava essa retirada mais um dessas pequenas odisséias que, reunidas, constituíram todo o conjunto de obstinação e bravura, de estoicismo e de engenho com que cinco mil recrutas mal armados neutralizariam, neste Setor, os projectéis de quinze mil soldados regulares, cheios de armamento e munição!...

ABANDONO DE GUAPIARA E DEFENSIVA DE PINHAL

Na mesma ocasião em que o Batalhão Arlindo e o Esquadrão Feijó atravessando audaciosamente o curso de dois rios procuravam atingir as retaguardas dos elementos adversários concentrados em Buri (ataque de 15 de agosto de 1932), o destacamento do tenente coronel Moraes Pinto, constituído por mais de dois bons batalhões, abandonava a posição de Capinzal, a 18 quilômetros à frente de Guapiara, e fazia para a retaguarda um formidável lance de quase 25 quilômetros.

Ia nesse salto desastrado todo o terreno para lá de Guapiara com os abundantes recursos oferecidos pela região; ia a localidade de Guapiara, nó de comunicações de alguma importância; ia a serra de Pinheiros, particularmente favorável à defensiva e iria mesmo todo o território até Capão Bonito se, ao amanhecer de 13, não acoresse o próprio chefe de estado maior do Setor para deter esse retirar inexplicável da jornada de 12.

Ao cair da tarde desse dia, já era aprisionado, tentando penetrar Guapiara, o tenente Murat que trazia seu esquadrão em busca de contato com a nossa tropa em retirada. Alguns remanescentes emboscados na ponte de entrada aprisionam-no e põem em fuga a patrulha que o acompanhava.

Conduzido a Itapetininga, manteve esse cavalariano louvável atitude de altivez. Soube receber com sobria dignidade de adversário irredutível toda a cordialidade com quem foi tratado pelo seus camaradas. Enérgico, inteligente e cortez, deixou de si, esse jovem oficial, forte impressão favorável.

Era na manhã de 13 de agosto encontrado o destacamento do tenente coronel Moraes Pinto, em bivaque ao longo da estrada, com a tropa em extremo estado de fadiga e assaz pronunciado estado de desordem.

Cumpria remediar com urgência uma situação que de um momento para o outro poder-se-ia tornar crítica.

Esse contra-marchar desabalado vinha se juntar a outros elementos de depressão moral da tropa que atingira já a grau suficiente para que ao despertar do sono precário do bivaque alguns oficiais da Força Pública indicassem como vistas imaginárias incursões adversárias que coroavam, no seu dizer, as elevações mais próximas.

Na realidade, porém, o proprio adversário não acreditara em tão generosa dádiva de terreno. Tendo perdido, á entrada de Guapiara, uma patrulha inteira com o seu oficial comandante, não ousaria ele penetrar antes do dia seguinte nessa localidade.

Cobertos por uma companhia que ficara em postos avançados, lançam-se os oficiais do estado maior do Setor ao reconhecimento de uma posição convenientes e mais à frente, em que houvesse ainda tempo de localizar uma nova linha de defesa.

Simple raciocinio indicava que, ao amanhecer, o adversário ocuparia Guapiara, lançando desde logo suas patrulhas para as alturas que a dominam de nordeste e que são constituídas pela chamada serra de Pinheiros.

Isto é, seria difícil, senão impossivel, ocupar sem combate essa posição desejavel por todos os motivos.

Eram elementos constitutivos do destacamento o 8.º B. C. P., o batalhão Marcilio Franco, uma companhia do Batalhão 14 de Julho, uma companhia do B. C. P. e uma seção de artilharia.

Achando-se em reserva do Setor, em Capão Bonito, uma unidade recém-chegada do interior, o 3.º B. C. V. (Voluntarios de Ytú), foi ela posta à disposição do comandante do destacamento que em tão precária situação se encontrava.

Por força das circunstâncias essa nova unidade deveria naturalmente agora ser empregada para constituir o primeiro escalão da nova linha. Tropa estreante na luta, não conviria entretanto, que fosse de inicio lançada às incertezas de um combate de encontro. Era necessário, pois, que se escolhesse uma posição suscetivel de ser ocupada a coberto dos fogos inimigos e mesmo de combate próximo.

Adianta-se o grupo de reconhecimentos: é o proprio capitão chefe de estado maior do Setor, são os tenentes O'Rely e Penteado que estão destacados em ligação junto ao comandante do 3.º B. C. V. que se faz acompanhar de dois oficiais de sua unidade.

Após um caminhar um tanto à aventura, através de vários quilômetros, atingimos a região de Pinhal onde o terreno foi julgado favoravel á constituição da nova barragem.

O adversário não nos perturbara seriamente o trabalho e só se revelou por uma patrulha de cavalaria, repelida a tiros pelo elemento que protegia o reconhecimento.

Faz-se avançar rapidamente o 3.º B. C. V. que se instala a cavaleiro da estrada, ostentando essa disposição magnifica que conservaria até o ultimo dia de campanha. E, no correr da jornada, enquanto o grosso do destacamento é conservado em reserva para se reconstituir e repousar, ficam os tenentes O'Rely e Penteado tratando da completa organização da posição: trabalho de sapa, cobertura dos flancos, instalação de telefones, apoio de artilharia, etc.

O Esquadrão Amaral, apoiado por uma companhia do Batalhão 14 de Julho, é mandado para a Capela de Santo Antonio ao norte de Guapiara. Outra companhia desse mesmo batalhão segue para a região de Fundão, onde deveria mais tarde, como já foi visto, desempenhar papel saliente.

Restavam nesse momento, em mãos do comandante do Setor, constituído sua única reserva, uma companhia do Batalhão 14 de Julho e uma companhia da Legião Negra.

A falta de combatividade evidenciada já pelo tenente coronel Moraes Pinto e o inopinado recuo da jornada de 12 de agosto de 1932 mostraram ao comando do Setor a conveniência de sua substituição imediata.

Estava naturalmente indicado para o seu posto o tenente coronel Alvaro Martins, também da Força Pública Paulista e que já se havia feito credor da confiança geral. Homem de sólida qualidades morais e de pronunciada autoridade pessoal revelaria sempre nos momentos difíceis uma notável firmeza. Investindo-o no comando de um destacamento cuja importância crescia a cada instante, nunca teve o comandante do Setor de se arrepender da escolha feita.

Desde o dia 14 de agosto é ele o novo comandante e só no fim dessa jornada se apresenta o adversário, face às suas tropas.

Já reconstituídas e um tanto repousadas as unidades que para isso haviam sido postas em reserva, era possível agora uma melhor organização da posição e, no dia 15 foi esta dividida em três quarteiros cuja defesa, a partir da direita, era atribuída respectivamente ao 8.º B. C. P., 3.º B. C. V. Batalhão Marcilio Franco. Era ainda um oficial do estado maior do Setor, o capitão Penha Brazil, que vinha instalar esses galhardos batalhões.

Seguem-se dias em que sob forte pressão constante do inimigo essa linha vacila por vezes mas é imediatamente reconstituída pela energia vigilante do tenente coronel comandante do destacamento, pelo destemor dos tenentes O'Rely e Penteado que junto ele permanecem na missão de ligação, e graças ao valor dos comandantes dos batalhões em linha.

Em vão os elementos adversários, constituídos pela polícia paranaense e alguns batalhões do Exército apoiados por artilharia, tentam reduzir pela frente essa resistência. Procuram depois lhe atingir os flancos; nada conseguem. Mas ampliando cada vez mais seus movimentos pelo sul, forçam-nos à constituição de um novo destacamento que sob o comando desse infatigável Amaral reúne, de início, um esquadrão de cavalaria e o recém-chegado batalhão Fernão Sales, mais uma dessas unidades que o civismo paulista fazia chegar de vez em quando às frentes de combate.

Na jornada de 20 de agosto, a presença desse destacamento minúsculo ocupando Ribeirão Grande (alguns quilômetros ao sul de Capão Bonito) e lançando seus reconhecimentos para sudoeste, nos tranquiliza em relação ao flanco sul e cria ao mesmo tempo para o inimigo, uma permanente ameaça na direção de Guapiara.

Agora, até pelo extremo flanco sul estamos garantidos nessa parte de nossa imensa frente defensiva.

Vai por dias a fio o adversário martelar com a sua artilharia e com as suas bombas de aviação; vai lançar sobre essa posição a sua infantaria em tentativas de avanço; vai procurar envolver o destacamento Amaral, na região de Cravos. Tudo inútil.

A posição de Pinhal estava destinada a entrar invicta nesta ligeira narrativa das operações no Setor Sul.

E, quando ameaçados na sua retirada pelo combate desfavorável de Fundão tiveram os seus soldados ordem para abandoná-la, a essa posição na qual pesava sobre cada um deles a ameaça permanente de morte; a esses soldados que haviam anteriormente abandonado Guapiara sem causa ponderável; a esses em quem um comando lamentável ia adaptando o gílvaz infamante da covardia; a eles, nos vimos chorando, por deixarem sob a ordem de seus próprios chefes uma posição que todos os esforços do adversário não lhe haviam arrebatado!...

É nos dias 26 e 27 de agosto, certamente em coordenação com o esforço feito contra o destacamento do tenente coronel Anchieta a sudoeste de Buri, que culmina a atuação do adversário contra esta posição.

Não somente todas essas tentativas feitas redundam inócuas, como esse tipo admirável de lutador que é o tenente coronel Marcílio Franco ainda se dispõe a realizar um golpe de mão sobre a Capela de Santo Antonio, já agora em poder do inimigo.

Para isso, parte ele no dia 26 de agosto, levando um efetivo aproximado de cem homens. Sai da posição de Pinhal e atinge primeiramente a Capelinha de São Roque, de onde, desbravando as capoeiras para evitar a estrada batida, vai ter directamente ao seu objetivo.

Numa das primeiras taperas do lugarejo obscuro soldados do Exército, cavalarianos do 9.º R. C. I., descansam descuidados, na desobediência talvez das ordens recebidas. Os cavalos haviam sido deixado á distância, aproveitando sombra de uma orla da mata.

Em silêncio são assestados os fuzis metralhadoras dos paulistas atrevidos e com duas rajadas o repouso imprudente se transforma na confusão da fuga. Feridos de morte são encontrados um oficial e vários soldados; são recolhidos cavalos e armamento abandonados. Urgia porém voltar, que os fugitivos haviam ido levar o alarme ao estacionamento do grosso do regimento que não tardaria a investir contra os poucos homens de Marcílio Franco.

E assim se faz. Na noite de 28 de agosto, fatigado, chega o pequeno grupo a Capão Bonito, trazendo tudo quanto fora apreendido e onde figurava um melancólico diário de campanha do oficial tombado.

E no dia 31 de agosto, em consequência dos acontecimentos ocorridos no Fundão, era esse bravo destacamento do tenente coronel Martins atingido por uma ordem de retirada que lhe prescrevia a ocupação de uma parte da frente defensiva, já prevista e organizada nas margens do Rio das Almas.

A RETIRADA PARA O RIO DAS ALMAS

Há muitos dias, considerava o Comandante do Setor inevitável a queda de Capão Bonito e a luta encarniçada que se vinha alimentando para retardá-la articulava-se no plano geral por dois lados:

- primeiro, porque era da sua intenção, com os poucos meios de que dispunha, ir disputando cada palmo de território paulista;
- segundo, porque era necessário assegurar aos nossos bravos sapadores o tempo necessário ao preparo conveniente das organizações do terreno e dos entrancheiramentos que iriam transformar o corte natural do rio Paranapanema – Almas numa verdadeira barreira defensiva.

Dera-nos já a obstinação desses dois núcleos de força que se batiam em Fundão e no Pinhal o ganho preciosíssimo de meio mês.

As barrancas do rio Paranapanema e as margens cobertas do rio das Almas, faziam muito mais, dificultando e impossibilitando quase a progressão dos meios poderosos do adversário.

Desde que se verificou, porém, ante as dificuldades da jornada de 30 de agosto, que seria impossível ao destacamento do tenente coronel Anchieta continuar a resistir aos formidáveis esforços do adversário, cumpria sem demora que se operasse a retirada de todas as nossas forças que defendiam Capão Bonito para as trincheiras do rio das Almas.

No dia 31 de agosto ordens eram dadas nesse sentido e a operação se processava de maneira perfeita nas noites de 31 de agosto para 1.º de setembro e na desse dia para o dia 2 de setembro.

A perfeita organização e a impecável execução desse retraimento são títulos de glória para todos quantos nele tomaram parte.

Em fim de jornada de 31 de agosto, último dia desse mal mês de Agosto, tocavam os elementos do tenente coronel Anchieta os limites de sua resistência.

No estrito cumprimento de um dever, o comando do Setor arrancara deles as ultimas reservas de suas possibilidades.

Mas, impunha-se a retirada nesse fim de dia.

É um oficial do estado maior do setor, capitão Penha Brazil, o chefe da sua 3.ª seção que vai pessoalmente organizá-la.

Um novo e exíguo batalhão, o Alipio Ferraz, na Fazenda Santa Ignês, o carro blindado do capitão Negrão e um contingente sob o comando do tenente Penteado no cruzamento da estrada que vem dessa Fazenda com a que vem de Buri, constituíam os elementos de acolhimento do destacamento Anchieta e sob cuja proteção desfilariam as tropas de Pinhal e de Cravos.

Desde as primeiras horas da noite começam a procurar abrigo dessa posição os elementos mais castigados de Fundão e que vão estacionar mais longe, ultrapassando o rio das Almas; nela ficam para reforçá-la no dia seguinte, outros elementos de que se podia ainda esperar um novo esforço.

Elementos desse batalhão de ferro que, mesmo tendo perdido seu bravo comandante chamar-se-ia sempre o “batalhão Arlindo”, o regimento de cavalaria Rio Prado e o próprio tenente coronel Anchieta como chefe, são os que transferem para mais tarde o necessitado repouso, permanecendo em linha.

E, nessa mesma noite em que assim se retraem os elementos de Fundão, já são também enviados para traz os T. E. (bagagens) das unidades de Pinhal e de Cravos e são tomadas as primeiras medidas concernentes ao abandono de Capão Bonito.

Com a chegada do dia, como que tocados por algum encantamento, os olhos do comando e as atenções da tropa, que durante a noite se haviam voltados para a retaguarda, tornam à direção do inimigo que cumpre deter. Na linha de cobertura da Fazenda Santa Ignês – Serraria de Candoca abrem-se trincheiras, organizam-se os planos de fogo, melhora-se o dispositivo das tropas, fazem-se partir as patrulhas que informariam sobre a aproximação do adversário.

Na posição de Pinhal os moradores de último dia disfarçam aos observadores inimigos os minimos indícios de retraimento iminente. E mais longe, para lá do rio das Almas, ativam-se os trabalhos dos sapadores, inspecionados pessoalmente pelo Chefe de Serviço de Engenharia do Setor, essa inteligência de escol que é Antonio Carlos Cardoso.

Por seu lado o inimigo não viria nesse dia ao contato da nossa posição de acolhimento, mas a sua ação seria impiedosa contra o destacamento de Pinhal e contra Capão Bonito onde seus aviões se engajam a bomba e metralha. Nossa gente já se habituara fartamente a tudo isso. Em Pinhal nem vislumbre de fraqueza e em Capão Bonito nem sombra de confusão.

Na cuidadosa organização do movimento todos os deslocamentos estavam previstos para execução de noite, de fôrma que mesmo a vigilância dos observadores aéreos pouco lucrou com essas incursões.

Os laços do comando permaneciam intactos e pelo telégrafo de Capão Bonito até às dezenove horas transmitiamos ao Quartel General de Itapetininga a marcha dos acontecimentos.

Com a chegada da noite movimenta-se o cenário das estradas, povoadas então pelos constitucionalistas que se retiram em ordem perfeita.

Partem de Capão Bonito os caminhões que não teriam aplicação no movimento; partem os que pela conduzem as ultimas cargas das unidades; passam pela cidade aqueles que levam as tropas irredutíveis de Pinhal e num requinte de minúcia verifica-se cuidadosamente o verdadeiro estado dos caminhões que ficam, por não poderem funcionar.

Já quase ao amanhecer, permanecendo em cobertura apenas os elementos da cavalaria, vão para o grande abrigo natural do rio das Almas os proprios elementos que haviam acolhidos os camaradas batidos de Fundão.

E viam-se ao amanhecer de 2 de setembro nesse movimentado Capão Bonito de outrora, no lugarejo cuja torre piedosa domina toda a região circunvizinha, viam-se apenas os remanescentes do Rio Pardo em torno de

seu bravo comandante, vigilantes na direção do norte; o esquadrão Amaral, barrando a estrada de Guapiara e esse Penteado que nunca se apressava em deixar os lugares de perigo...

A contingência de abandonar Capão Bonito e o retraimento de toda a nossa ala esquerda para traz do rio das Almas impunha o concomitante retraimento dos nossos destacamentos que operavam mais ao norte, isto é, o da Ponte de Delfino e o de Aracassú.

E dentro da ideia de se constituir toda nossa linha de defesa, nesse momento, ao longe do corte do terreno constituído pelo curso medio do rio Paranapanema e de seu afluente o rio das Almas, foi dado pelo comandante do setor sul a Ordem Geral de Operações numero 4, em que se estabelecia e se organizava todo o novo dispositivo defensivo do setor, aquele com o qual se iniciaria no dia seguinte, 3 de setembro, a chamada MANOBRA DEFENSIVA DO PARANAPANEMA.

CAPITULO IV

MANOBRA DEFENSIVA DO RIO PARANAPANEMA



Ocupação do Paranapanema – Almas. Golpe de mão sobre a Fazenda Santa Inês. Combate do Cerrado e retraimento para o alto rio Paranapanema. Combate em Taquaral Abaixo. Agressividade do inimigo na fase dos entendimentos para a pacificação. Interrupção da manobra do rio Paranapanema.

A MANOBRA DEFENSIVA DO PARANAPANEMA

Desde o momento em que o grosso de nossas forças haviam sido recalcado para trás do curso do rio Paranapanema-Almas ia ter lugar conjunto de operações com que se visaria principalmente barrar nessa linha qualquer avanço sobre a cidade de Itapetininga onde permanecia instalado o Quartel General do Setor e onde se achavam os principais depósitos, armazéns e hospitais que correspondiam às necessidades das tropas.

A vista do tempo ganho na disputa com o inimigo do terreno compreendido entre os rios Apiaí-Mirim e Paranapanema desenvolvia-se admiravelmente bem o nosso plano de campanha.

A 26 de julho de 1932 atacava e ocupava o adversário a localidade de Buri; a 3 de setembro de 1932, isto é, passados mais de um mês, nos preparávamos nós para deter-lhe o passo nas barrancas desse rio Paranapanema que dista de Buri menos de uma vintena de quilômetros!

Há tempos, centenas de sapadores preparavam o terreno ao longo da margem direita dos rios que iam ser utilizados como obstáculo, e por toda essa imensa extensão de cerca de cem quilômetros abria-se ele em trincheiras que barrariam os caminhamentos principais a serem utilizados pelo adversário na ofensiva. Esse trabalho de organização e a natural defesa constituída pela linha d'água permitiriam que, da ocupação da nova posição, resultasse para o comando do setor a possibilidade de construir em melhores condições as suas reservas de conjunto.

Fechados os principais eixos de progressão do adversário sobre Itapetininga, e dispostas as tropas com certa profundidade, isto é, com reservas escalonadas à retaguarda da posição principal, não somente ficava o nosso comando em condições de contra atacar o adversário que tomasse pé em qualquer parte da frente como também poderia ele atender a perigos que surgissem nos flancos, principalmente no sul por onde segundo previsões do estado maior, confirmadas por informações de agentes, seria tentado um largo movimento desbordante visando diretamente Sorocaba.

Correspondendo a todas as necessidades do momento e encarando, seja que o adversário cobiçasse Itapetininga, seja que ele tivesse a larga pretensão de ir diretamente sobre Sorocaba, veio á luz essa já referida Ordem Geral de Operações n.º4 em que se estabelecia o plano de defesa da nova posição, seguida logo após de uma Instrução Pessoal e Secreta (I. P. S.) dirigida aos comandantes dos destacamentos em que eram definidas as ideias do comando em relação ao conjunto da operação defensiva do rio Paranapanema e a orientação a seguir em presença das eventualidades possíveis de se apresentarem de um momento para outro.

Havia uma vontade norteadora nas operações do setor.

Esse mosaico, constituído por numerosas unidades formadas em circunstâncias e condições as mais variadas, apresentava agora linhas definidas e constituía ás ordens do comandante do setor uma verdadeira

Divisão de organização original: Farta em infantaria e em meios de transporte rápido; Escassamente dotada de armas automáticas de artilharia e munições.

OCUPAÇÃO DO RIO PARANAPANEMA – ALMAS

Segundo as ordens emanadas de Itapetininga, já a 4 de setembro de 1932 se dispunham as tropas na nova posição. A partir do Norte para o sul o seu dispositivo era o seguinte:

- 1.º) Destacamento coronel Klingelhofer, tendo a seu cargo a defesa do terreno compreendido entre a região de Tapera e o ribeiro da Pescaria. Compreendia então o valor aproximado de seis batalhões (6.º, 7.º, 9.º e 10.º B. C. R., 2.º Batalhão do Regimento 9 de Julho e 1.º B. R. E.,) um esquadrão de cavalaria, uma seção de artilharia, a peça de 150 sobre via férrea e o Trem Blindado. Tinha seu posto de comando na Estação Engenheiro Hermilio.
- 2.º) Destacamento tenente coronel Castro e Silva, devendo defender o Paranapanema desde o ribeiro da Pescaria até o ribeiro da Pedra Chata. Compreendia dois batalhões (o Borba Gato e o Batalhão Major Cezar), um esquadrão de cavalaria e uma seção de artilharia. O posto de comando estava localizado na sede da Fazenda Bom Retiro.
- 3.º) Destacamento tenente coronel Milton, compreendendo os destacamentos: tenente coronel Anchieta (Batalhão Arlindo e Batalhão Alipio Ferraz), ocupando desde a confluência dos rios das Almas e Paranapanema até a ponte dos Brisolas, exclusive. Tenente coronel Martins (Batalhões Fernão Sales, 8.º B. C. P., 3.º B. C. V. e batalhão Marcilio Franco; defendia a região compreendida entre a ponte dos Brisolas e a dos Ferreiros, exclusive; Major Amaral (Pelotão Provisório São Miguel, Cia. Do 7.º B. C. P. e esquadrão Amaral); estendia-se da ponte dos Ferreiros para o sul (principalmente para a vigilância do flanco); o grupo dispunha para seu apoio da bateria Quintães (três peças).
- 4.º) Assegurando a ligação entre a direita do Grupo de destacamentos e a esquerda do destacamento de Bom Retiro, estava o regimento Rio Pardo que ia aproveitar a situação para se reconstituir e repousar um pouco.

Como reserva do setor estacionavam em Itapetininga o Batalhão 14 de Julho e duas companhias da Legião Negra, havendo ainda no âmbito dos destacamentos algumas unidades em segundo escalão e por conseguinte disponíveis.

O grosso ocupava as organizações feitas a este do rio e postos avançados eram mantidos a alguns quilômetros à frente.

No dia 5 de setembro de 1932 o adversário não se apresentou senão com fracos elementos frente aos postos avançados do coronel Klingelhofer onde um batalhão se conservava em cabeça de ponte para lá da estação de Ligiana e tiveram, pois, as nossas tropas essa jornada de repouso.

A partir de 6 de setembro, porém, ordens eram dadas para que a nossa defensiva tivesse o caráter da mais pronunciada agressividade.

No momento foi impossível de realizá-lo na parte norte do setor onde o inimigo acoassava fortemente o nosso 10.º B.C.R. que fora a unidade deixada em cabeça de ponte a oeste da grande ponte da estrada de ferro, face à estação de Ligiana.

Combate-se energicamente nos dias 6 e 7 de setembro, sendo que nessa data histórica, constrangido o nosso batalhão a abandonar a margem esquerda do rio Paranapanema, impõe as conveniências militares que se comemorasse melancolicamente a data cara ao coração brasileiro por meio da destruição daquela grande ponte...

Na frente do destacamento do Bom Retiro o adversário nada compreendeu e em execução das ordens recebidas de seu comandante, o tenente coronel Castro e Silva, aciona uma série de reconhecimentos ofensivos que, atraindo para a sua frente alguns elementos inimigos, diminuíram a pressão que sofria o destacamento do coronel Klingelhofer.

A organização e o espírito que animavam a pequena tropa daquele sub-setor faziam honra à capacidade de seu jovem comandante.

DEMONSTRAÇÃO OFENSIVA DO DIA 15 DE SETEMBRO E GOLPE DE MÃO SOBRE A FAZENDA SANTA INÊS

Mais para o sul, no grupo de destacamentos, a agressividade de nossa defensiva ia se concretizar de uma maneira mais nitida. Alguns dias após a chegada de nossas tropas a essa posição de antemão preparada, os reconhecimentos lançados pelas diversas unidades ao longo de toda a frente, já nos permitiam a determinação do chamado *contorno aparente do inimigo*. Assim se soube que, na frente da região em que se instalara o destacamento do tenente coronel Anchieta, era fraca a densidade de tropa inimigas e que, um pouco mais ao norte, face ao regimento Rio Pardo, havia mesmo um vazio no dispositivo delas.

Estava a chegar ao setor uma nova tropa que se fazia preceder de reputação brilhante. Chegaria de Mato Grosso, para nos reforçar, esse Batalhão Taunay, dos vencedores de Coxim.

Coincidia a notícia da próxima chegada do novo batalhão com a natural sedução para o aproveitamento do caminho que o adversário nos deixava aberto na direção da Fazenda Santa Inês onde sabíamos existirem fortes elementos estacionados.

No espírito de chefe ficava pois em elaboração a idéia de uma operação ofensiva cuja realização aguardava a vinda do Batalhão Taunay.

Entrementes, o adversário que já tomara estreito contato, acentuava suas tendências de nos atacar pela esquerda onde lança elementos em cabeça de ponte na frente do destacamento Amaral mediante enérgica ação local realizada ao amanhecer de 9 de setembro.

Sem que o comando do setor se abstinhasse da idéia de perturbar os preparativos da ofensiva inimiga por meio de forte operação ofensiva partida da região da confluência, julga no entanto que, no momento, cumpria-lhe socorrer a ala esquerda onde a bravura e a operosidade do major Amaral exigiam com urgência tropas de reforço.

Haviam cerca de seis dias permanecia em reserva junto ao comandante do setor o Batalhão 14 de Julho que se reconstituira completamente em Itapetininga após a penosíssima jornada de Fundão.

A natureza dos elementos componentes desse batalhão, as vicissitudes que lhe haviam tocado já no curso da campanha e o lastimável estado em que ficara depois dos sofrimentos consequentes aos empates dos dias 30 e 31 de agosto, haviam chamado para esta unidade de elite as atenções especiais do comandante do setor.

Chamado a Itapetininga, a esse batalhão foi dado repouso e armamento novo e, na máxima demonstração do que para ele merecia o Batalhão 14 de Julho, deu-lhe o coronel Taborda para comandante, aquele oficial que pela repetidas provas de bravura e de bom senso, de competência e de calma, atraía para si a simpatia e confiança gerais – o 1.º tenente do Exército Aristides Penteado.

É no momento o Batalhão 14 de Julho a única reserva do setor e passa logo à disposição do comandante do grupo de destacamentos para que com ele fosse restabelecida a situação á frente do destacamento Amaral.

As condições em que o adversário havia lançado seus elementos para a margem direita do rio eram tecnicamente perfeitas. Sob a proteção de numerosas metralhadoras instaladas nas alturas da outra margem, favorecidos pela conformação do terreno, esses elementos zombariam dos esforços do Batalhão 14 de Julho que, com as demais unidades do destacamento, tudo fez por recalca-los. Todavia, eram eles ali detidos por algum tempo.

Para reconstruir a sua reserva retirara o comandante do setor o 10.º B. C. R. do destacamento da Estação de Engenheiro Hermilo, deslocando-o para Itapetininga, verdadeiro centro de gravidade do dispositivo defensivo.

Desembarcara também na manhã de 13 de setembro nesta cidade o esperado Batalhão Taunay que ostentava no aprumo de seus soldados magnífica disposição para a luta.

Reuniram-se assim nas mãos do chefe dois magníficos batalhões; excelentes para a realização da pretendida operação ofensiva.

Ampliando a idéia anterior, prescreve o comandante do setor, para um certo dia “D”, uma demonstração ofensiva em toda a frente.

Cada subsetor organizaria o seu golpe de mão particular, enquanto que no grupo de destacamentos, com o emprego de toda a reserva do setor, far-se-ia uma operação destinada a desequilibrar o dispositivo adversário, já pronto a se lançar em ofensiva enérgica, rumo talvez a São Miguel Arcanjo, onde não havíamos reunido meios tranquilizadores.

No mesmo dia o adversário, opulento em efetivos, armamento e munição, deveria ver crepitarem a um só tempo, todas as armas de nossas tropas em cobertura através de sua centena de quilômetros de frente.

Desde a região longínqua da Tapera até as cabeceiras do rio das Almas, por toda a parte, nossos canhões em reduzido número entrariam em atividade e, em determinados pontos tentativas mais profundas mostrariam ao adversário que, sabedores embora da abundância de seus recursos, não se arreceiavam os paulistas do reecontro a peito descoberto, fora das trincheiras.

O dia “D” foi o de 15 de setembro de 1932.

No destacamento Klingelhoefer foi montado um ataque à Fazenda de Santa Albertina que ficava à frente de seu flanco direito e onde estacionava um batalhão pernambucano.

Inexplicável traição de um oficial que até então se batera como notável denodo, fez fracassar a tentativa, fazendo passar para as fileiras inimigas como carneiros conduzidos, todos os soldados da sua companhia.

No destacamento Castro e Silva, alguns elementos atravessaram o rio e progrediam à procura de combate. Achando o campo livre chegam eles à Fazenda Paranapitanga que encontram abandonada. Regressam em fim de jornada sem se terem engajado.

No grupo de destacamento a jornada decorre entre as emoções dos grandes dias de combate. Aí sim, realizava-se uma operação séria e regulada por ordens do setor em seus menores detalhes.

Em resumo tratava-se de um ataque simultâneo feito em duas direções convergentes: elementos do próprio grupo de destacamento apoiados por uma seção Schneider e por um carro blindado procurariam progredir desde a hora H (H igual a 7 horas), na direção de Capão Bonito; agrupamento constituído pelo 10.º B. C. R., Batalhão Taunay e Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, sob o comando do tenente coronel Othelo Franco, insinuando-se pelo vazio existente no dispositivo adversário, procuraria se aproximar da Fazenda Santa Inês onde o ataque deveria ser feito à mesma hora “H”. Em caso de sucesso seria este explorado no rumo de Capão Bonito com uma cobertura lançada para os lados de Buri.

Aqueles elementos que deveriam progredir diretamente sobre Capão Bonito, rigorosamente à hora marcada iniciam uma empolgante progressão que os leva rapidamente ao seu primeiro objetivo e aí se instalam à espera do sinal convencionado para continuar o avanço e que deveria ser dado pelo comandante do agrupamento desbordado.

Nesse avanço, feito pelos elementos em postos avançados dos batalhões Fernão Sales, 8.º B. C. P. e Marcílio Franco, foram recalçados

fortes elementos adversários que por sua vez mantinham postos avançados face às nossas organizações.

Como sempre que entrava em ação, fez nessa manhã o carro blindado a sua chacina habitual.

Quanto ao agrupamento encarregado da ação desbordante, revestia-se a sua missão de particular dificuldade. A longa distância percorrida, o pesado equipamento conduzido pelos homens do 10.º B. C. R. e as próprias fadigas inerentes à marcha noturna executada diminuíram a capacidade combativa da tropa.

Todavia, a aproximação se fez em condições regulares e o estacionamento adversário é colhido de surpresa pelas nossas armas automáticas instaladas nas alturas vizinhas.

O revide energico não se faz esperar e trava-se no momento um tiroteio de rara intensidade. O efetivo da tropa adversária, a colocação da artilharia em posição, o acionamento imediato da cavalaria e a identificação de reforços que chegam, induzem o comandante da operação a determinar o retraimento.

Este se faz sob a proteção do Regimento Rio Pardo que sacrifica vários de seus homens no cumprimento da missão difícil.

Em fim de jornada, todas as tropas que se haviam empenhado nessa operação audaciosa, regressavam às suas primitivas posições, acolhidas pelos elementos deixados em linha; o 10.º B. C. R. e o Batalhão Taunay voltavam a constituir a reserva do comandante do Setor, agora localizada na região de Capelinha do Turvo e terminava assim essa labriosa jornada de 15 de setembro.

COMBATE DO CERRADO E O RETRAIMENTO PARA O ALTO DO RIO PARANAPANEMA

Havia para o extremo sul da nossa frente, nas lindes já do sertão que precede os alcantis agressivos da Paranapiacaba, uma larga extensão de terreno confuso onde, ao lado de banhados intransponíveis desenvolvia-se os capoeirões traiçoeiros, em toda a largura compreendida entre o curso do rio das Almas e o do alto do rio Paranapanema – Era o CERRADO.

No meio dessa zona que tornar-se-ia teatro de combates extraordinariamente encarniçados encontrava-se a chamada Serraria dos Americanos em cuja frente a uns dois quilômetros para oeste, sobre o rio das Almas, estava essa famosa ponte das Campinas.

Na Serraria fizera o Major Amaral o seu posto de comando; na ponte das Campinas escolhera o adversário para passar...

Como já foi dito, desde o dia 9 de setembro, por uma ação de surpresa, puzera o adversário alguns elementos para a margem direita do rio – a nossa margem. E desde então sem o podermos recalcar, sentíamos à ilharga de nosso dispositivo a ameaça pungente desse aguilhão.

Em vão lançamos na própria região do Cerrado o Batalhão 14 de Julho que se atirava cada dia sobre o adversário protegido pela macéga densa; em vão lançamos esse golpe de mão espetacular sobre a região de Capão Bonito – Fazenda Santa Inês, centro vital das forças invasoras; em vão por toda a nossa linha a judiciosa organização do terreno triplicava a capacidade defensiva dos batalhões paulistas – este amanhecer desfavorável de 9 de setembro condenava já a manutenção dessa linha que poderia ter sido um Marne para os constitucionalistas!...

Por toda uma semana, isto é, até o dia 16 de setembro é quase sozinho que o pequeno Batalhão 14 de Julho seguindo sem repouso esse comandante admirável que se lhe havia dado, luta para reduzir a cabeça de ponte existente. Ataca-a pela direita, volta para montar uma operação pela esquerda; encarna-se numa obstinação que não cansa mas que pouco consegue...

Já nesta data chegam informações positivas dos agentes secretos acerca do adversário: seus efetivos, suas intenções, sua situação, etc.

São para mais de 17.000 que nos investem, copiosamente armados e apoiados por 10 baterias entre as quais de calibre 105; é intenção do general Waldomiro lançar seu ataque principal pelo flanco sul, segundo Taquaral Abaixo – São Miguel – Pilar – Sorocaba, enquanto que a cavalaria, pela esquerda, rumaria diretamente sobre Itapetininga.

Essas forças reunidas, equipadas e bem dispostas começariam a ofensiva no dia seguinte, isto é, a 17 de setembro.

Realmente, em relação aos nossos, os meios do adversário eram esmagadores; seus planos traziam, nas delineações claras e nos objetivos bem definidos o cunho de operosidade técnica de um comando á altura de conduzir as grandes massas militares; mas, essas informações preñhes aparências sinistras vindas na véspera de seu desencadear suposto, não colhiam o comandante do setor desprevenido.

De há muitos, fora no Quartel General de Itapetininga elaborado um plano de campanha que tendo em conta as condições em que se desenvolvia a luta, sem veleidades de brilhantes operações inexecutáveis, ia disputar ao adversário cada palmo de território paulista.

Uma de suas partes mais interessantes, prevista e estudada apresentava-se agora à luz dos acontecimentos era a própria manobra do Paranapanema que se ia desenvolver.

O adversário reunira seus meios, estava a pique de desencadear sua ofensiva; o comando constitucionalista já o esperava e ia acionar seus elementos para neutralizar aquele ataque.

Efetivamente, desde o amanhecer de 17 de setembro, já havia o inimigo atravessado o rio com todo o 8.º Regimento de Infantaria e um Regimento de Cavalaria Independente que, após violenta preparação de artilharia tentam progredir sobre a Serraria dos Americanos.

A série de combates que iam ter lugar nessa região começaria nesta jornada com uma intensidade desmedida.

Ainda caberiam ao Batalhão 14 de Julho, a esse magnífico esquadrão Amaral e à primeira companhia do 7.º B. C. P., todas as penas do momento.

Pelas quatorze horas combatia-se em toda a frente do grupo de destacamento em que, mesmo à direita, mal se mantinham nossos postos avançados para lá do rio.

As trincheiras do Batalhão 14 de Julho são revolidas pelas granadas de 105 inimigas, mas seus ocupantes não arredam pé.

Há elementos adversários que se lançam ao assalto e são abatidos pelas granadas de mão de que nossa tropa andava largamente dotada. Um atacante que logra atingir o parapeito de uma trincheira alcança com a sua arma branca um soldado paulista, para cair incontinentemente sob os tiros de revólver de um sargento. E passa-se todo o dia nessa luta desigual em que jorra abundante o sangue dos atacantes numerosos de mistura com o sangue ardente dos defensores obstinados...

Luta-se desta forma nos dias 17 de setembro e 18 de setembro³. Há calma relativa no dia 19 de setembro, e a 20 de setembro o destacamento Amaral obrigado a se retrair vai defender as alturas que dominam a Serraria de onde é recalcado ainda para mais longe, passando a defender as alturas da Capela dos Ferreiras.

Esse recuo acentuado da nossa ala esquerda obrigava-nos ao retraimento do grosso de nossa tropa para as margens do Paranapanema.

Tudo estava previsto; podem-se ver nos documentos que constituem o arquivo do setor o escalonamento destes acontecimentos, à priori registrados.

A defesa e a luta obstinada na região do Cerrado prolongara através de vinte dias a nossa duração na posição ocupada e, mesmo após o desencadear da ofensiva inimiga, quando se concretizava já a execução de seu esforço pelo sul, nos assegurou o tempo suficiente ao deslocamento dos meios necessários a enfrenta-la nessa excêntrica região de Taquaral Abaixo.

E na noite de 20 para 21 de setembro o grosso de nossa ala esquerda passa para a margem direita do alto Paranapanema deixando apenas postos avançados na mesopotâmia que o adversário procurava conquistar.

Em Taquaral Abaixo surgia, como que por encanto, um novo destacamento forte de dois batalhões (10.º B. C. R. e 4.º R. I.) e um esquadrão de cavalaria. Milagres do nosso Serviço de Transportes acionado pelo dinamismo de Aristêo Seixas e de Carvalho Sobrinho...

Uma nova Ordem Geral de Operações (número 6) fixava as condições em que o conjunto de nossas forças era disposto em função da nova situação tática. Ela dizia em certo ponto, “comprometido o êxito da batalha defensiva no rio das Almas, é intenção do comandante do setor travá-la às margens do rio Paranapanema”.

Ao norte mantinha suas posições o destacamento do coronel Klingelhofer.

³ Vide: <https://qrgo.page.link/Wb9dz>.

O destacamento de Bom Retiro passava ao comando do major Povia para pouco depois ir ter às mãos do major Ferraz que o comandaria até o final.

À esquerda desse destacamento era constituído um agrupamento de cavalaria em que, sob a direção de Sebastião do Amaral, se reuniam o seu esquadrão recém chegado de Mato Grosso.

Vinham depois sucessivamente os destacamentos do tenente coronel Anchieta, do tenente coronel Alvaro Martins, do tenente coronel Othelo e do Taquaral Abaixo, já sob o comando do tenente coronel Castro e Silva.

Recuperados para se reconstituírem e para corresponderem a essa preocupação constante de recomposição das reservas, passam á disposição direta do comandante do setor 8.º B. C. P., 7.º B. C. R. e o Batalhão 14 de Julho que pela segunda vez se fundira no cadinho da luta.

E assim dispostos, desde as cabeceiras do rio Paranapanema até quase 100 quilômetros à jusante, as forças do Setor Sul concretizavam uma imponente anti-mural da qual o comandante tranquilo dizia ao alto comando constitucionalista: “a menos que a organização do adversário seja perfeita e abundantes as suas reservas ele se verá assaz embaraçado pela capacidade combativa das forças do setor sul!”.

COMBATE DO TAQUARAL ABAIXO⁴

Desde que o adversário obrigara ao retraimento os nossos elementos do Cerrado, lançara-se imediatamente na direção de São Miguel Arcanjo, aproveitando a bela estrada de rodagem de que podia dispôr.

Já na jornada de 22 de setembro apresenta-se por patrulhas na nossa posição de Salto e começa a realizar pressão sobre uma companhia que fora postada nessa inhospita região de Formigas.

Ele não queria perder esse fator de que de fizera o nosso comandante o seu principal elemento de manobra.

Ao amanhecer da jornada seguinte já a artilharia martelava essas nossas posições e infligia baixas às nossas unidades engajadas. Primeiro a companhia de Formigas obrigava a se retrair, depois é a propria posição de Salto que se torna dificilmente sustentavel e, em consequencia, acorrem ainda em reforço a esse destacamento o Batalhão 14 de Julho e uma seção de artilharia Schneider.

A esse batalhão que percorrera todos os pontos do imenso campo de batalha em que se transformara a zona sul de São Paulo, faltava ainda conhecer esse canto longinquo onde se queimariam os ultimos cartuchos da campanha!...

E o Batalhão 14 de Julho chega para restabelecer uma situação difficil.

As cabeceiras do rio Guapiara e do rio Paranapanema nada valiam como obstáculo e a sua transposição pelo adversário nada significava.

⁴ Vide: <https://qrgo.page.link/ext14>.

Era a linha reconstituída mais atrás e desmentidos os prognósticos do comando invasor que num dos seus comunicados à imprensa carioca informava textualmente: “Parece que vencidas as últimas resistências de entrincheiramentos paulistas nas ribanceiras do Paranapanema não poderá mais o adversário recompor-se, pela desmoralização em que se encontra, batido incessantemente, de grota em grota, nesta frente sul”.

Parece-nos impossível que não haja o estado maior adversário compreendido que a nossa orientação consistia em transformar por meio de manobras adequadas, todos os seus esforços em méras ações locais que, mesmo bem sucedidas, deixariam sempre as nossas forças indemnes para uma nova resistência!

Em tais condições ela não se gastavam senão numa medida determinada pelo comando em cada caso; não eram batidas pois; não se desmoralisavam. Tal foi o segredo por meio do qual elas realizaram esse prodígio militar de lutarem e embargarem, durante quase três meses, os passos de um adversário tantas vezes superior em numero e armamento.

Já na jornada de 28 de setembro, assume o comando desse destacamento o tenente coronel Agnelo de Souza que leva consigo para o novo posto alguns oficiais do Exército. Nesse momento porém, necessidades do alto comando solicitam do setor sul a remessa urgente de uma unidade para a capital.

Esse setor, investido por tropas regulares de efetivos formidáveis, apresentava no momento tal coesão, tinham suas unidades tal espírito de sacrifício, havia tal segurança na execução de um plano de ante-mão elaborado, que o seu comandante não vacila em corresponder a esse apelo com a retirada da linha de combate de um batalhão do 4.º R. I. que operava no extremo flanco sul, onde aliás há poucos dias havia chegado.

A resistência aí terá lugar agora numa crista aquém de Taquaral Abaixo que é deixado em mãos adversárias.

Na noite de 30 de setembro para 1.º de outubro esse arraial humilimo brilha pela primeira vez, parece, transformado num imenso fogo de artifício. – Fora incendiado pelos soldados atacantes...

A organização sumaria do terreno ocupado e as vastas extensões descobertas davam à luta nessa região um caráter particularmente penoso. Era difícil reabastecimento das tropas em posição e crescia cada dia o numero dos que eram feridos de morte.

A posição porém, tinha um traçado vantajoso; ligava-se estreitamente ao destacamento do tenente coronel Othelo e tinha o seu flanco esquerdo esclarecido pela cavalaria Jardim.

Mesmo em presença de esforços serios do adversário, como de resto, era previsto, ela manter-se-ia se circunstâncias especiais não nos fizessem deixar de realizar um contra ataque organizado para a jornada de 29 de setembro e não houvessem determinado o seu retraimento na jornada de 2 de outubro.

AGRESSIVIDADE DO ADVERSÁRIO POR OCASIÃO DOS ENTENDIMENTOS PARA A PACIFICAÇÃO

No decorrer de todos esses dias em que a atenção era atraída para os acontecimentos da região do Taquaral, havia relativa calma no restante da frente do setor.

A atividade do adversário se manifesta por uma atuação da aviação mais intensa do que jamais o fora em toda a campanha e por numerosos tiros de interdição que realizava sobre as estradas principais.

Para o norte do Setor indícios apareciam de uma tentativa de passagem em força do Paranapanema, na zona do destacamento de Klingelhofer.

Os entendimentos para a paz que se processaram a partir de 28 de setembro tiveram o condão de provocar da parte adversária um recrudescimento extraordinário de atividade.

Por toda a parte cresce a agressividade das tropas do general Waldomiro e nessa ocasião até no edênico sub-setor de Bom Retiro são pela vez primeira as nossas tropas seriamente investidas. O seu pequeno efetivo tornam-nas suscetíveis de neutralização fácil por meio de fogo partido da outra margem e fazem-nos temer pela transposição do rio nesse ponto.

O comandante deste destacamento, major Ferraz de Andrade, por força das circunstâncias não havia ainda nesta campanha feito as suas provas sob o fogo. A ocasião chegou nos últimos momentos, quando talvez supuzesse o adversário encontrar o nosso dispositivo já desarticulado.

A prova foi inteiramente favorável ao notável comandante.

Todas as investidas do inimigo redundaram vãs e, enquanto do seu destacamento não havia partido o último soldado em obediência às ordens recebidas, o rio Paranapanema não foi atravessado nesta histórica região de Porto do Delfino.

Ruidos já haviam por vezes chegado ao Quartel General de Itapetininga segundo os quais haviam partido de Itapeva para a frente de combate dos adversários inúmeros caminhões conduzindo canoas. A natureza vaga e indefinida dessas informações leigas combinadas a outras que indicavam reforços e substituição de elementos em presença do destacamento Klingelhofer, definiram-se na atmosfera de nosso Quartel General como uma certeza de que hoje ou amanhã, aqui ou ali, tentaria o adversário a transposição do rio.

Não conhecíamos os motivos que levavam um comando que se decidira a fazer a sua ofensiva partir de Capão Bonito, para onde levava seus meios, para onde ele próprio se deslocara, tentar ao mesmo tempo uma operação difícil noutra região, com todas as consequências de uma dispersão de meios.

Não os conhecíamos ainda e a despretenção destas linhas de reconstituição dos acontecimentos não se abalança a críticas.

A maneira de proceder do comando adversário se justificaria talvez, dada a abundância de seus meios, tal fosse a região escolhida para ser forçada...

Duzentas canoas partiram de Itapeva, dizia informação segura, e pontoneiros do Exército as seguiam.

Foram feitas recomendações para que a vigilância se ativasse ao longo de todo o curso do rio e que fossem transmitidos ao Quartel General os indícios que tivessem relação com o assunto.

Como era natural, essas duzentas canoas da informação, já de si por demais numerosas, procrearam e examinaram a região. Cada elemento de vigilância, cada posto de observação, vira canoas passando em caminhões, e na confusão das informações dispares tinham o comando a sensação de bailarem canoas pelo ar...

No final das contas, na hora “H” ninguém as viu.

Na noite do dia 30 de setembro para 1.º de outubro, utilizando o chamado passo de Anísio, elementos inimigos se transportam para a nossa margem. Ao clarear do dia surpreendem e aprisionam uma companhia inteira do 1.º B. R. E. e um pelotão de cavalaria que, parece, dormiam nas trincheiras.

O restante do batalhão, inteiramente flanqueado, não busca resistir e se retrai rapidamente.

Com os elementos deixados em mãos adversárias ficava esse bravo capitão Pinto, comandante do batalhão, abandonando o cenário justo ao correr do pano sobre o último lance dessa campanha aspérrima.

Esse combatente de primeira linha, um tanto espanholado e audacioso, abstinha-se sempre, no combate, de qualquer preocupação concernente à própria segurança.

Com o seu batalhão permanecera sempre em primeiro escalão, durante toda a duração da luta, vigilante e infatigável, para cair aprisionado, ao primeiro cochilo talvez, nesse ensarilhar brilhar de armas.

Simultaneamente ao norte, para os lados da Campina de Monte Alegre e do famoso morro do Mandasaia, outra transposição do rio se fazia e ao amanhecer o Batalhão Tenório tomado de flanco vacila e recua.

Mas, essa unidade a que o destino impusera, no início das operações essa maratona atribulada e comprometedora da retirada de Apiaí e a quem já fora dada a reabilitação honrosa daquela jornada de 16 de agosto, escreveria no seu derradeiro dia de combate uma página luminosa de bravura indomável.

Sob as ordens firmes de seu heroico e vistoso comandante ele se detém no recuo e parte na reconquista das suas próprias posições, agora em mão adversárias.

É uma arrancada empolgante em que toca ao adversário o momento da vacilação e da fuga.

Crepitam pelas planuras pantanosas da Estação Engenheiro Hermilo para o norte todas as armas dessa unidade, num matraquear de desespero.

Pontilha-se o terreno de projetis de artilharia adversária que na maior parte deixam de explodir, mercê da natureza do terreno.

O avanço do Batalhão 9 de Julho se pronuncia com energia. Na premência do momento não podem os soldados inimigos procurar as pontes por onde haviam vindo e que haviam ficado muito abaixo.

Premidos pela energia do contra-ataque tentam salvar-se, regressando a nado para a sua margem de origem. Na aplicação desses recursos muitos elementos passam e se salvam mas muitos outros, vencidos pelas águas volumosas, ou colhidos pelos tiros em plena travessia, são levados pela correnteza numa morte sem brilho recebida no limiar dessa pacificação entabolada...

INTERRUPÇÃO DA MANOBRA DO PARANAPANEMA

Ao caír, pois, a noite desse dia de 1.º de outubro havia conseguido o adversário manter alguns elementos sobre a nossa margem, na parte sul do destacamento Klingelhoefer; mas, no restante da nossa linha era conservadas todas as nossas posições ao longo do Paranapanema, exceção feita da pequena inflexão de Taquaral Abaixo.

Nossos elementos em reserva, se preparavam já para serem empregados no dia seguinte num contra-ataque que restabelecesse a situação ao norte quando ordens recebidas do alto comando vinham dar por terminada essa formosa *manobra do Paranapanema*...

A situação geral sofrera profundas modificações e, em consequencias delas, essas invictas forças do setor sul, essa muralha humana palpitante de ideal e de civismo, essas valentes unidades minguadas ao filtro das perdas numerosas e de sofrimentos indizíveis, seriam talvez – destino amargo, arrastadas no desabar fragoroso do edificio militar constitucionalista, já prestes a ruir...

O mal curso das operações para os lados do setor norte e de Campinas oprimia por toda a parte os espiritos sob uma athmospera de chumbo.

Os entendimentos para a paz se intensificam desde o dia 28 de setembro, no sentido de serem evitados males que a situação tornara desnecessários.

Viva-se sobre um vulcão: há elementos que no limite de sua resistência moral querem a paz a todo preço; o maior número porém, decidido a lutar até a morte, não compreendia a paz sem a vitória.

Pobres, valentes, iludidos no raciocinio simplista das trincheiras!...

- Como se a vitória dependesse apenas da obstinação de um setor; como se nesse convergir atroz das circunstâncias não estivesse já heroico São Paulo algemado pelos ditatorais, ao preço de todas as traições internas e externas ocorridas!...

O capítulo da paz fica para ser escrito mais tarde...

No momento, basta recordarmos que solicitado pelo comando constitucionalista um armistício para se processar o assentamento das condições de paz, são-lhe para tal impostas condições humilhantes e absurdamente inaceitáveis.

A um pedido de trégua respondia o adversário com imposições infamantes de garroteamento integral. Pelo espírito dos chefes militares do Brasil não passaram neste instante as regras elementares de cavalherismo que ditam generosidade e respeito pelo adversário.

Em sua presença estava este São Paulo que, havia três meses quase, sustentava com lealdade, bravura e idealismo, o bom combate pela ordem e pela lei.

Tendo saído a campo apoiado e instigado claramente pela maioria dos estados da Federação, viu-se isolado no momento amargo das batalhas. Luta assim mesmo, não cede, num estoicismo antigo!

E quando, exangue pelos esforços despreendidos e pelo sangue que lhe corria das feridas abertas na frente, erguida nas posições de Cruzeiro e de Tunel; no dorso, onde penetrara fundo o dardo lançado pelo seu mais certo aliado da véspera; nos flancos e no próprio coração em que não faltara mesmo a vibração da traição que ferisse no próprio seio esse grande São Paulo martirizado, exangue no sofrimento e na bravura, não comoveu o adversário opulento de meios. A este toca a vez de não ceder: as condições eram esmagadoras.

Vai a luta continuar e, em face da ameaça criada para as tropas do setor sul pela queda de Campinas, que lhes compromete a retirada ameaçando a direção de Itú-Sorocaba, recebem esta ordem de se retrair, para que se reconstituísse uma frente defensiva mais atrás, que cobrisse também a nova direção perigosa.

No tempestuar dos acontecimentos sobrevêm indícios de desagregação. Não no setor sul, onde as provocações e a epopeia vividas haviam cimentado uma coesão que subsistiria à própria derrota; mas em muitos outros elementos que não resistiam mais às emoções terríveis do momento.

Vai pelo ar um sopro de derrota que ainda não se define bem, mas que penetra no espírito dos combatentes de escóla escorvando-lhe a concepção das heroicas loucuras salvadoras...

E, enquanto na tenda respeitada e indiscutida do Quartel General de Itapetininga se delineia e redige essa Ordem Geral de Operações n.º 7, de retraimento para Sorocaba, giza-se ao mesmo tempo a idéia de transformar essa Sorocaba industrial e pacífica, mas essa Sorocaba de Diego Feijó irreduzível, num reducto de luta sem quartel!

Tendo em volta esses galvanizados batalhões do setor sul, transformar-se-ia a cidade numa tróia paulista, em cujas ruínas se fossem sepultar os restos do ideal constitucionalista.

E, a imaginação exaltada via, no cismar momentâneo, o extenso São Paulo dos cafezais infundáveis encerrado naquele recinto reduzido. Dentro

dele, esses rios preguiçosos, por onde desceram no passado as ânsias conquistadoras das *bandeiras*; essas montanhas cujos flancos se abrem no parto generoso das minerações; os quilômetros de suas vias férreas reduzidas às minúsculas dimensões dessas estradas de ferro de brinquedo; e por fora, instalados nas trincheiras profundas, esses mesmos batalhões que sangravam desde Guapiara e de Buri!...

Comandavam os diversos setores do reducto imaginário aqueles mesmos campeadores do passado: o velho Fernão Dias Paes Leme, ainda com o seu bacamarte em punho, esse Borba Gato impiedoso, Moreira Cabral, Antonio Raposo e todos os façanhudos desbravadores do sertão, reincarnados nesses brilhantes batalhadores modernos: Sebastião do Amaral, Christiano Klingelhofer, Alfredo Feijó, Arlindo de Oliveira, Garcia Feijó, Oswaldo Porchat, Vergueiro de Lorena, Marcilio Franco, Tenorio de Brito, Afonso Negrão, Anchieta Torres, Carlos Gross, Aristides Penteado e toda a legião de paulistas invencíveis...

Mas... na realidade pungente o retraimento deveria se fazer nas noites de 1.º para 2 e de 2 para 3 de outubro.

Primeiramente os elementos da reserva e do centro que iam desde logo balisar a nova posição à retaguarda. Segue um esquadrão para Sorocaba de cujo policiamento se encarrega.

Vai um destacamento sob o comando do tenente coronel Marcilio Franco diretamente para Itú em cuja direção eram assignalados já elementos adversários vindos de Campinas. Vão algumas companhias para Peixoto Gomide, Belo Horizonte e Lavrinhas, e esboça-se assim a nova frente defensiva do setor.

Desde o cair até da noite de 1.º de outubro começa o escoamento das tropas por Itapetininga, na direção de Sorocaba, e o segredo dos acontecimentos estão revelados e caem sobre a população confiante da cidade com o condão estuporante das surpresas más.

De par com os soldados, que se deslocam obedientes e disciplinados à ordem de seus chefes, seguem as levas de retirantes que abandonaram os lares.

Para Itapetininga, a cidade faceira dos domingos, que por tantas vezes, acolhera em seus seios os batalhões extenuados pela luta; que os reconfortara tanta vez para reenvia-los, os bons paulistas, ao campo de honra, era inexplicável esse abandonar repentino. Na inconsciência talvez do pensamento coletivo rugiria, quem sabe? Um sentimento de revolta surda contra esse desfilar impiedoso...

Deixada em meio a manobra do Paranapanema estava destinada a ser a obra prima do comando do Setor Sul. E esta cidade de Itapetininga, sobre cujas ruas os milhares de soldados invasores pretendiam sapatear antes de um mês de campanha, esta cidade nunca lhes veria as faces se o classico punhal de um Brutus não houvesse ameaçado as costas de seus galhardos defensores.

Todos os deslocamentos previstos para a primeira noite de retraimento processam-se com regularidade chronometrica.

O dia 2 de outubro se passa sem que a grande atividade do inimigo conseguisse comprometer a nossa situação, difícil pela sua própria natureza. Combate-se energeticamente no destacamento da estação Engenheiro Hermillo e de Taquaral Abaixo.

Ao se aproximar da noite começam-se a tomar as providências concernentes à evacuação da posição do Paranapanema pelo restante das tropas do Setor, exceção feita dos abnegados elementos de cavalaria que, reunidos sob o comando do tenente coronel Agnelo de Souza, tinham a missão de retardar ainda a progressão do adversário.

Chega nesta ocasião a segunda ordem de cessação das hostilidades.

Segundo ela, algumas unidades deveriam seguir diretamente para São Paulo e outras deveriam se reunir nas praças de Itapetininga e Sorocaba.

Terminara...

Muitas horas depois de comunicada às tropas as sombrias notícias do momento, combatia-se ainda! Como as víceras de certos animais repletos de vitalidade, palpitava ainda no rincão distante de Taquaral Abaixo, o espírito de luta dessa mocidade estuante de brasilidade que, no Batalhão 14 de Julho, deveria dar os últimos tiros da campanha...

CONCLUSÃO

A formidável epopeia que o civismo paulista viveu nos campos de batalha desse setor sul irredutível, merecerá, sem dúvida, uma reconstituição do vulto daquele monumento literário em que Euclides da Cunha eternizou a valentia do brasileiro do nordeste. Outrem tomara a si o encargo para o qual deixa aqui o modesto profissional das armas algum material que sirva à obra definitiva.

Na narrativa fielmente verídica destas páginas ha um golpe de vista mais ou menos geral sobre as operações realizadas.

Existem, no entanto, dois aspectos da campanha que vacilamos ao abordar: a ação dos aviadores constitucionalistas e as produções bélicas da industria paulista.

Poucos terão seguido, como o autor destas linhas, os remigios audaciosissimos dos pássaros constitucionalistas.

Essa trindade de escol constituída pelo major Lysias Augusto Rodrigues, tenentes José Gomes Ribeiro e Arthur da Mota Lima, em torno da qual se congregavam os demais aviadores paulistas, fartou-se de ostentar ao sol do nosso Setor as suas façanhas escandalosamente ousadas...

Suas aventuras incríveis contavam-se pelas saídas em vôo.

Era hoje a destruição de um avião no próprio campo adversário de Itapeva; amanhã, uma esquadrilha inteira posta em fuga; mais tarde, um combate aéreo, com toda esta espectacularidade empolgante em que as tropas do Paranapanema viam o adversário projectar-se em chamas para o solo. E tudo isso em coordenação com as operações terrestres, estreitamente assegurada pela competência profissional do major Ivo Borges, o comandante das Unidades Aéreas Constitucionalistas.

Os bombardeios aéreos feitos sobre as posições adversárias e os reconhecimentos de suas reuniões, seus movimentos, são trabalhos militares de admirável perfeição.

Os adversários os temiam e só se aventuravam pelos nossos céus quando a esquadrilha constitucionalista ausente estava trabalhando algures.

O pequeno numero de pilotos e de aparelhos transformara os nossos aviadores em eternas aves migratórias.

Foram eles os combatentes de todos os dias que, sem repouso, cruzavam o céu paulista para atender a região onde mais forte era a pressão sofrida.

E nesse peregrinar incessante excederam-se as horas de vôo previstas para o material que se desregulava já em trepidações avisadoras.

Os nossos *passarinhos*, como eram chamados, alheios ao perigo subiam e combatiam sempre.

Os aviões novos a custo adquiridos no estrangeiro tardavam a chegar. Por fim, lá vinham um a um chegando no seu vôo prateado, asas abertas sobre as extensões de Mato Grosso, diretamente para os setores de combate.

Mas já então, na ante-sala dessa “debacle” paulista, as operações se desarticulavam em combates locais, impróprios a cooperação da quinta arma combatente.

No setor sul tudo se conservava em ordem, mas lá não iam mais os aviões que se ocupavam agora em retardar a avalanche encachoeirada rolando já na direção perigosa de Campinas...

Um dia, a 23 de setembro de 1932, sob um mal signo é decidido o ataque aéreo aos navios de guerra que bloqueavam Santos.

Num sabbado brumoso o ronco forte dos motores ergue os atacantes que rumam para o mar. No centro da esquadrilha, num Falconi nervossimo, vai José Angelo com o seu observador predileto, Machado Bitencourt.

Por obra do acaso ou do superlativo da maldade humana eles faziam neste dia o seu “ultimo vôo”...

Mal atingiam a fimbria do oceano, num “piqué” phantastico, com o aparelho em chamas, se sumiam eles nas águas, para sempre...

E quem desaparecia assim na brutalidade inexplicável daquela súbita explosão? José Angelo Gomes Ribeiro e Mario Bitencourt, dois lidimos heróis desta campanha, familiares de todos os perigos imagináveis.

Não sei porque, mas a temeridade louca de José sempre nos parecera uma predestinação ao sacrifício. De Machado Bitencourt, ao contrário, era um anelo de glória para a vida; essa vida boa para ele, vivida intensamente a todos os momentos...

Agora dormem. Não falaremos da memória deles.

A vida é o momento presente – eles o viveram bem...

E sob o peso cruciante deste golpe fecharam-se, a bem dizer, as asas constitucionalistas.

Era tempo também, que elas tinham vivido muito esse largo momento de três meses!...

E que dizer de esforço paulista na produção de material belico e que não fique muito aquém da realidade?

Era de inicio a produção apressada de munição infantaria, ainda imperfeita e em quantidade insuficiente. Rapidamente vai, de passagem pelas cifras intermediarias, dos quarentas aos duzentos e cinquenta mil cartuchos diários.

Mais tarde, são as granadas de mãos, fabricadas com perfeição surpreendente e mediante a adoção de um bocal apropriado podendo ser atiradas mais longe com o fuzil.

Desde a defensiva do Pinhal e daquelas jornadas do Fundão elas conquistam a confiança da tropa que delas passa a fazer uso intensivo. A sua consagração tem lugar porém, no combate do Cerrado onde o soldado do Batalhão 14 de Julho apelam para elas ao se verem abordados pelos numerosos atacantes pertencentes ao 8.º R. I. e 13.º R. C. I.

Depois, começam a surgir as primeiras granadas de artilharia que vêm dar novo alento às nossas bocas de fogo quase à mingua de seu único alimento. Elas chegaram numerosas; primeiro, para o 75 Krupp, mais tarde para as peças Schneider. Os defeitos iniciais notados são logo corrigidos e no cessar da luta poder-se-ia dizer que elas eram equivalentes às recebidas do estrangeiro.

As bombas de avião foram produzidas em tal quantidade, desde o inicio, que o comando nunca teve preocupação com o assunto. Viemos a utilização das bombas de 12 quilos e de algumas de 45 quilos lançadas sobre a estação de Buri, sendo que duas destas couberam também, certo dia, às organizações de Caputera.

Perfeitamente comparaveis às estrangeiras o seu arrebetamento era contudo muito mais violento, principalmente quando posto em confronto com as bombas menores lançadas pelos aviões adversários e que supomos serem as francezas de 10 quilos, cujo arrebetamento dava a impressão ridicula dessas “bombas chilenas” de São João.

Como armamento surgiram essas magnificas bombardas, nos moldes do morteiro Brant e esses *sapinhos* magicos (minenwerfers), infelizmente chegados quando os acontecimentos já se precipitavam nos pródromos da cessação das hostilidades.

Ainda havia muito e muito mais, nesse imenso arsenal em que se transformara a Politécnica paulista e a indústria civil sob a direção desses generais da indústria bélica constitucionalista, chamados Roberto Simonsen, Gaspar Ricardo e Mario Whately.

Havia as redes de arame sistema Brum, só dependendo de serem localizadas e extendidas para utilização imediata.

Havia as máscaras contra gases, feitas na suposição de que a campanha chegasse ao apêlo dos últimos recursos de destruição, por parte dos ditatoriais.

Havia material de pontoneiros, material de sapa, de destruição, etc., tudo acompanhado pelas instruções correspondentes ao respectivo emprego.

Era uma manifestação surpreendente das possibilidades de um povo que, até então só e exclusivamente voltado para as realizações pacíficas, rico e feliz, mudava de rumo num momento e, nessa arrancada empolgante de civismo punha ao serviço do ideal patriótico a tranquilidade abandonada e a riqueza ameaçada, tudo que sabia, tudo que podia...

A montagem de um canhão de 150m de calibre sobre um truck de via férrea, protegida a integridade do leito por meio de quatro macacos basculantes destinados a suportar a pressão por ocasião do tiro; os trens blindados que trabalhavam no setor sul e que sucessivamente aperfeiçoados nos modelos T. B. 1 e T. B. 2 chegaram ao magnífico T. B. 3 com as suas torres giratórias e seu couraçamento perfeito; os autos blindados que constituíam uma seção empregada na região do rio das Almas, sendo que desde o combate da Balsa já havia entrado em cena um deles, o blindado 14 de Julho; eram todas realizações extraordinárias pela rapidez com que se apresentavam à utilização dos combatentes e pela expressão de cooperação constante dos elementos técnicos mais exponenciais do Estado, na campanha que se desenrolava.

O término das operações coincidiu com a ocasião em que se ultimava a fabricação de metralhadoras pesadas mediante a utilização dos canos sobressalentes que acompanham cada peça saída da fábrica e única parte que não seria confeccionada no Estado.

Em breves dias esse refúgio de alquimistas entregaria aos soldados constitucionalistas foguetes transportadores de explosivos a grandes distâncias, artificios iluminativos de poder e duração inírditos, enfim muitos outros elementos que viriam tornar mais amplo esse surto de realização insuspcitado que mesmo na derrota militar servirá para gritar aos quatros ventos as possibilidades prodigiosas de São Paulo cuja grandeza, preza aos céus, se baseie sempre, como até agora, num sólido sentimento de brasilidade, para que essa grandeza seja também a prosperidade e a força do Brasil!...

Segue, povo exuberante de São Paulo, nessa trajetória alucinante de progresso com que parece escalar o infinito... segue...

Tal como os teus filhos de outrora que, nas bandeiras destemerosas e invasoras, levaram as fronteiras patrias para lá do rincão distante onde nasci, trabalha agora, como o vens fazendo, povo glorioso de São Paulo, e mais que nunca, no dilatar incessante das lindes intelectuais e morais da grande PATRIA BRASILEIRA.



SUSTENTAE O FOGO QUE A VICTÓRIA É NOSSA!



**Sustentae o Fogo
que a Victória é nossa!**